

ccc^{ria}

Centro Cultural da Criança

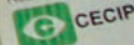
O CASTELO DAS
CRIANÇAS CIDADÃS



- ☐ Brinquedoteca
- ☐ Biblioteca
- ☐ Videoteca
- ☐ Música
- ☐ Artes
- ☐ Informática
- ☐ Dança
- ☐ Teatro

para crianças de 2 a 10 a

Realização



Apoio
Bernard van Leer



Imprensa oficial

Conselho Editorial 5 Elementos - Instituto de Educação e Pesquisa Ambiental
Ação Educativa - Assessoria Pesquisa e Informação
Ashoka - Empreendedores Sociais
CEDAC - Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária
CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
Conectas - Direitos Humanos
Geledés - Instituto da Mulher Negra
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
ISA - Instituto Socioambiental

Comitê Editorial Antonio Eleilson Leite - Ação Educativa
Amabile Mansutti - CENPEC
Berenice Abramo - Imprensa Oficial
Denise Conselheiro - Conectas
Hubert Alquéres - Imprensa Oficial
João Amorim Neto - Ashoka
Liegen Clemmyl Rodrigues - Imprensa Oficial
Luiz Alvaro Salles Aguiar de Menezes - Imprensa Oficial
Maria de Fátima Assumpção - CEDAC
Maria Inês Zanchetta - ISA
Monica Pilz Borba - 5 Elementos
Suelaine Carneiro - Geledés
Vera Lúcia Wey - Imprensa Oficial

Esta publicação foi possível graças
a um programa de ação social da

ccc^{ria}

Centro Cultural da Criança

**O CASTELO DAS
CRIANÇAS CIDADÃS**

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governador José Serra

imprensaoficial

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Hubert Alquéres

Diretor Industrial Teiji Tomioka

Diretor Financeiro Clodoaldo Pelissioni

Diretora de Gestão de Negócios Lucia Maria Dal Medico

Gerente de Produtos

Editoriais e Institucionais Vera Lúcia Wey



CECIP – CENTRO DE CRIAÇÃO
DE IMAGEM POPULAR

Presidente Marialva Monteiro

Vice-presidente Newton Carlos Figueiredo

Diretor Tesoureiro Roberto Mendes

Diretor Executivo Claudius Ceccon

Diretora Administrativa Dinah Protasio Frotté

Coordenação de Projetos Monica Mumme

Coordenação Pedagógica Madza Ednir

Coordenação de Comunicação Noni Ostrower

Coordenação Financeira Elcimar Oliveira

Coordenação de Projetos
em Educação Infantil Jovelina Protasio Ceccon

ccc^{ria}
Centro Cultural da Criança

**O CASTELO DAS
CRIANÇAS CIDADÃS**



Rio de Janeiro
São Paulo
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Centro Cultural da Criança : o castelo das crianças cidadãs / [Coordenação de projetos Jovelina Protasio Ceccon] – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo ; Rio de Janeiro : CECIP, 2009
88p. : il.

Vários autores.
Acima do título: CCCria.
ISBN 978-85-7060-739-3 (Imprensa Oficial)

1. Favela Morro dos Macacos (Rio de Janeiro, RJ) – Aspectos sociais 2. Favelas – Educação infantil – Rio de Janeiro (RJ) 3. Políticas públicas – Brasil 4. Pedagogia social I. Ceccon, Jovelina Protasio

CDD 362.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Políticas públicas 379.2

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização dos editores
Lei nº 9.610, de 19/02/1998

Impresso no Brasil 2009

CENTRO CULTURAL DA CRIANÇA – O CASTELO DAS CRIANÇAS CIDADÃS
O Centro Cultural da Criança foi implantado pelo CECIP, em parceria com o CEACA-VILA,
no âmbito do Projeto BRA-2005-035, Espaço Protegido,
com o apoio da Fundação Bernard van Leer.

Direitos reservados e protegidos à

CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular
Largo de São Francisco de Paula, 34, 4º andar Centro
20051 070 Rio de Janeiro RJ
www.cecip.org.br
cecip@cecip.org.br
55 21 2509 3812

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103 902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br
livros@imprensaoficial.com.br
SAC Grande São Paulo 011 5013 5108 | 5109
SAC Demais Localidades 0800 0123 401

SUMÁRIO

- 11** Quem mora no morro tem sonho
- 15** Ser criança no Morro dos Macacos
- 21** Quando a comunidade se mobiliza para proteger suas crianças
- 23** Como o CECIP entra nessa história
- 29** Centro Cultural da Criança: um sonho sonhado junto
- 33** Somando vontades e forças: quando 1 mais 1 são mais do que 2
- 39** Ora, direis, ouvir crianças
- 43** Um espaço protegido: a criança é a senhora do castelo
- 47** A “alma” do castelo: princípios e valores; aprendizagem continuada para todos e todas
- 63** Um dia no Centro Cultural da Criança: espaços e tempos para escolher, brincar e desenvolver-se
- 73** Fazer, registrar, avaliar e, assim, saber para onde caminhar
- 77** Até aqui chegamos: aprendizagens, perspectivas futuras
...e algumas perguntas ainda sem resposta
- 81** Agora é sua vez: quem conta um conto, aumenta um ponto

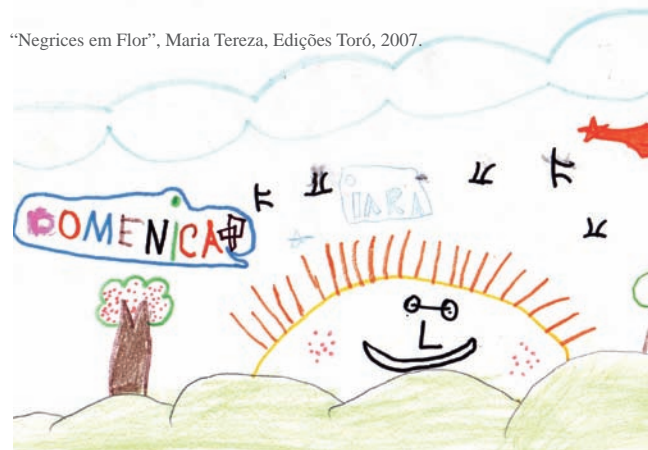


“...
 Hoje, como sempre, atitude e pensamento
 Valem como corpo e espírito presente.
 Se você ouve assim como eu falo
 Te saúdo novamente.
 Pela água, pelo fogo
 Amor, amor, amor em dobro
 Em todo dia dessa breve vida.
 Salve as crianças! Bagunças e alegrias desta vida.
 Na roda que gira a batida sagrada, gargalhadas
 açucaradas
 E já que fé nunca é demais,
 Pela água, pelo fogo,
 Amor, amor, amor em dobro.”¹

LEADRO_LARISSA



1. “Negrices em Flor”, Maria Tereza, Edições Toró, 2007.





1

QUEM MORA NO MORRO TEM SONHO

Os cariocas que leram os jornais do dia 7 de dezembro de 2006 ficaram sabendo de mais um tiroteio na favela do Morro dos Macacos. Como tantas outras comunidades situadas em ricas metrópoles, essa comunidade de Vila Isabel, na Zona Norte do Rio de Janeiro, vem sofrendo as duras consequências da guerra entre traficantes que disputam pontos de drogas e da guerra entre traficantes e policiais.

Mas essa notícia, ainda que verdadeira, é episódica e, alardeada pelas manchetes, acaba generalizando o que é exceção e dando uma visão distorcida da realidade do Morro. O cotidiano cordial, a solidariedade, as boas iniciativas que acontecem o tempo todo, sem alarde, não saem no jornal. Por exemplo, ao mesmo tempo que um fato negativo virou manchete, algo que mereceria enorme destaque não foi notícia: mais de cem moradores estavam reunidos para co-

memorar mais uma etapa da construção do futuro de suas crianças.

Era a inauguração, com festa e muita alegria, do Centro Cultural da Criança – CCCria.

Com a aparência de um castelo de contos de fadas, o CCCria ergue-se logo na entrada do Morro dos Macacos. É um marco simbólico da cidadania e do futuro que todos desejam para seus filhos. É como se a comunidade afirmasse: “Quem mora no morro tem sonho².”

O CCCria veio somar-se a outros equipamentos educativos na região: uns, proporcionados pelo governo, como as três escolas de Ensino Fundamental e Médio; outros, árduo fruto de muito trabalho de iniciativas comunitárias, como a Creche Patinho Feliz. Esses últimos representam ações locais de prevenção da violência e de

2. Perguntada por um repórter quais os sonhos de sua filha Alana, de 13 anos, morta no fogo cruzado entre policiais e traficantes ao levar sua irmãzinha à creche no Morro dos Macacos, a mãe respondeu: “Moço, quem mora no morro não tem sonho” (*O Globo*, 5/03/07). A construção do CCCria e outras tantas iniciativas dos moradores do lugar mostram que o sonho e a esperança continuam vivos.

combate às suas maiores causas, que são a insuficiência de políticas públicas de qualidade e a falta de apoio a uma visão abrangente de educação, que vá além da escola e seja capaz de incluir famílias, comunidades, organizações e movimentos sociais em um mesmo processo educador de plena cidadania.



Dona Anna, líder comunitária, presidente do CEACA-VILA

Fruto da aliança entre o Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP), a Fundação Bernard van Leer e o Centro Comunitário Lídia dos Santos (CEACA-VILA), além da parceria com indivíduos e organizações, o CCCria é um espaço onde as crianças têm livre acesso à biblioteca, à brinquedoteca, às salas de vídeo, de artes, de informática, de música e a um espaço de expressão corporal. Em suas incursões por esse novo e fascinante mundo de arte e cultura, elas contam com o apoio de educadores culturais.

No dia da inauguração, todos – lideranças comunitárias, representantes do CEACA-VILA, do CECIP e parceiros que viabilizaram o novo espaço educativo – renovaram o seu compromisso com os três grandes objetivos do CCCria:

- Atender a crianças de 2 a 10 anos, residentes na comunidade do Morro dos Macacos, que estejam matriculadas em instituições de educação infantil e escolas do entorno.³
- Possibilitar às crianças interagirem livremente com outras crianças e com os adultos, desenvolvendo em um ambien-

te saudável seu potencial criativo e suas habilidades, em diferentes linguagens artísticas.

- Promover e ampliar oportunidades para que as crianças façam suas próprias escolhas, conquistando progressivamente maior autonomia ao expressar-se e agir respeitando os direitos de cada uma.

Este é um primeiro relato desse projeto de pedagogia social. Apresentamos o território onde nasceu, revelamos quem foram seus criadores, como foi seu desenvolvimento, quais são as suas concepções e os seus princípios sustentadores, sua metodologia e suas práticas. Como se trata de um processo que está em permanente desenvolvimento, também abrimos nossa própria caixa de inquietações, esperanças e perguntas.

Percebemos a vontade da comunidade do Morro dos Macacos de mudar – pela não violência – realidades apresentadas como “imutáveis”, o que requer uma coragem que se expressa no dia a dia, mas não vira notícia de jornal.

Desejamos que esta experiência inspire a multiplicação de CCCrias por este Brasil afora, para que Justiça e Educação andem de mãos dadas, para que o medo seja vencido pela alegria e para que espaços como esse – onde crianças tenham prazer de estar, onde elas sejam respeitadas, ouvidas e tratadas como cidadãos e cidadãs – deixem de acontecer apenas em contos de fadas.

3. Quando as crianças não estão matriculadas em estabelecimentos de educação formal, os profissionais do CCCria apóiam as famílias na superação dos obstáculos à conquista desse direito (em geral, falta de documentos).





2

SER CRIANÇA NO MORRO DOS MACACOS

*“Não tenho medo de bamba
na roda de samba
Eu sou bacharel
Andando pela batucada
Onde eu vi gente levada
Foi lá em Vila Isabel...”* ⁴

Noel Rosa, no século passado (1910-1937), e Martinho da Vila (1938), nosso contemporâneo, ganharam projeção nacional e internacional, sem nunca esquecer suas raízes, profundamente fincadas em Vila Isabel. Além deles, há muitos outros artistas de valor, que permaneceram anônimos para o público externo, mas cujas vidas e realizações ficaram preservadas na memória da comunidade.

Eles são os modelos positivos para as crianças e adolescentes que formam cerca de 20% dos 11 mil habitantes do complexo que engloba os Morros do Jardim, do Pau da Bandeira e dos Macacos.

O que significa para uma pessoa, cidadã brasileira, o fato de nascer e viver seus anos de formação em uma favela?

Em seu texto, Rogério Ferreira de Souza⁵ lembra que as favelas do Rio nasceram de um gesto de exclusão e discriminação. No início da República, o governo excluiu do planejamento urbano da capital (conhecido como a Reforma Passos) os pobres, que então moravam em cortiços. Esses cortiços eram considerados um perigo para a saúde e os pobres que ali viviam eram vistos como um fator de violência. Expulsas por uma reforma urbana que simplesmente as ignorou, essas pessoas não foram beneficiadas

4. “Eu vou pra Vila”, Noel Rosa, 1931.
5. “Favela e os Espaços Monumentalizados: um lugar de memória coletiva e símbolo de resistência.” Bacharel em Ciência Econômica e mestrando em Memória Social e Documento na Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), publicou o artigo citado em *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas* - Ano 02, número 03, 2003 - ISSN 1676-292.

por nenhuma política habitacional, como se o problema da moradia popular não tivesse qualquer importância. Parece incrível que processos de expulsão e remoção forçada, promovidos de maneira autoritária, quando não abertamente truculenta, tenham virado rotina e continuado praticamente sem resistência até a década de 80 do século passado.

A favela tem sido a solução para a população operária permanecer perto de seus locais de trabalho. Ante a ausência de políticas públicas voltadas à habitação popular, os moradores das favelas vêm ocupando, ao longo dos anos, terrenos públicos e privados, estabelecendo uma situação de fato e também de direito, apesar do caráter irregular e ilegal dessa ocupação. Após muitas décadas de completo descaso pelo que era

oficialmente considerado “não cidade”, é um fato relativamente recente que um mínimo de serviços de infraestrutura urbana tenha começado a ser oferecido às favelas.

Segundo Souza, tem havido um acordo tácito: “Nem o Estado oferece ao trabalhador/morador da favela infraestrutura e cobra por ela, nem este se sente obrigado a pagar as taxas para usufruir as benesses oferecidas pela cidade legal”.

É emblemática a situação das relações entre Estado e Sociedade brasileiros, até hoje, ainda não reguladas pelo Direito. Estudiosos afirmam que a maioria dos brasileiros vive à margem do Estado.

Uma parte considerável de nossa população se encontra economicamente na informalidade e socialmente na ilegalidade. O fato de que hoje as pessoas não são mais expulsas ou removidas de suas casas à força, como acontecia no passado, não significa que a discriminação social tenha acabado. O Estado continua a lhes negar os mais elementares direitos de cidadania. É isto que faz com que sejamos uma sociedade em que metade vive numa legalidade formal e outra vive ilegalmente, sem acesso a direitos e serviços básicos, apesar de muitas vezes pagar impostos sobre uma propriedade que não lhe pertence e reivindicar um direito que, na prática e na teoria, não é reconhecido.

Não que diferentes governos, em especial nas últimas décadas, não tenham pelo menos tentado começar a pagar a dívida social



para com os excluídos do desenvolvimento econômico brasileiro. No Rio, o programa Favela Bairro⁶ é exemplo de um movimento nessa direção. Em nível federal, recentes programas, como o Bolsa Família, vêm estatisticamente tirando da miséria absoluta milhares de brasileiros. O PAC, Programa de Aceleração do Crescimento, tem tomado iniciativas pontuais, que beneficiam esta ou aquela comunidade. No entanto, questões estruturais, como a concentração de terra e o desemprego, ainda não foram devidamente equacionadas.⁷

É árduo o processo de construção dos direitos de cidadania no Brasil, especialmente em locais como as favelas. Ali, tanto as crianças quanto seus pais são igualmente desrespeitados. A quase total ausência do Estado deixa um vazio institucional que vem sendo preenchido por grupos de traficantes ou por milícias, ambos impondo, pela força, suas próprias leis aos moradores.



6. Dentro desse projeto, que visa melhorar a qualidade de vida nas favelas, o arquiteto Jorge Jauregui, contratado pela Secretaria Municipal de Habitação do Rio, desenvolveu um núcleo habitacional no Morro dos Macacos, com espaço de convivência e praça de jogos para crianças, adultos e idosos.
7. A péssima qualidade da educação pública é o foco do Plano de Desenvolvimento da Educação, lançado em abril de 2007 pelo MEC.

8. Souza concebe “monumento popular ou local” como algo que expressa aspectos da vida coletiva e cotidiana dos moradores da favela, por eles valorizados, por integrar cada indivíduo a uma memória comum: “O monumento existe, não para expressar uma ordem pública e de sentido ideológico, ou para dar legitimidade a um passado recriado que represente um conjunto de ideias a que se procura dar sentido. O monumento popular ou local é função das experiências de vida no dia a dia, pois é a partir dessas experiências que o espaço passa a ser monumentalizado, ritualizado e preservado como espaço de significado e identidade para a coletividade”.

Os moradores resistem como podem a esse domínio opressivo, preservando, em seu território mais íntimo, o familiar, códigos de conduta que repassam às crianças, ensinando-as a agir de acordo com os princípios éticos da comunidade.

Como diz Souza (op.cit.): “desenvolvem, através dos seus símbolos (arquitetura, modo de vida, espaços construídos), seus desejos, memórias, representações, ritualizações e estratégias de utilização desse

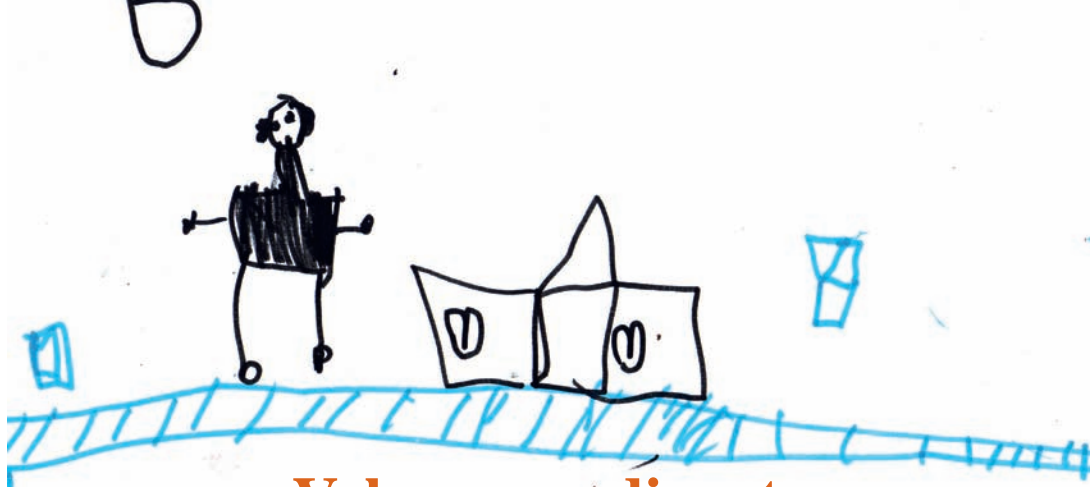
espaço mítico, composto de elos de solidariedade, identidade e experiências de vida. Um espaço que simboliza o imaginário de lutas e construção de uma identidade coletiva”.

Nos espaços da favela, as crianças do Morro dos Macacos aprendem não com objetos ou esculturas históricas encontradas em praças e passeios públicos – que ali não existem – mas com “monumentos populares ou locais”⁸, como evidencia a fala de Dona Anna, 70 anos, liderança do Morro dos Macacos, registrada pelo sociólogo Jailson Souza e Silva (op.cit.): “(...) a luta pela construção de uma caixa d’água foi tão grande que demos dois dias de festa, quando ela ficou pronta. Até hoje, quando se pretende fazer uma reunião com grande parte da favela, é pra lá que a gente vai.”

Outros locais de significados simbólicos importantes mencionados pelos moradores do Morro dos Macacos entrevistados por Silva são “o pátio da igreja onde eram realizadas as festas religiosas; o campo do ‘lote’, lugar onde até hoje se realizam campeonatos de futebol; a birosca do seu Bedias, onde havia campeonatos de bingo (...)”

Por que será que escolas e creches não tenham sido lembradas, embora existam oito dessas instituições na região? Talvez porque a maioria, senão todas, não é vista como pertencendo, realmente, à comunidade? Porque lhes tenham sido dadas, sem prévia consulta? Porque não são fruto de sua iniciativa e do seu esforço?





Valores em disputa

Numa favela, o espaço público é disputado por diversos grupos, cujos objetivos e propostas de vida são muito diferentes. E é nesse conflito que as crianças do Morro dos Macacos aprendem, pela própria experiência, que:

- Os direitos de cidadania dos moradores da favela são ignorados. Os moradores só se afirmam como cidadãos ou cidadãs quando decidem reagir, rejeitando o estigma e a marginalização.
- Existe um abismo econômico, social e cultural entre quem mora na favela e quem mora “no asfalto”, isto é, nos bairros de classe média e rica. O contato entre essas duas realidades pode acontecer pela violência, registrada cotidianamente pela mídia, mas o fosso pode ser ultrapassado pela

construção de políticas públicas e de alianças com movimentos e instituições que se empenhem em transformar essa realidade.

- Jovens da favela podem adquirir *poder mortal* como “soldados do tráfico”, ou “empreendedores da droga” à custa de sua morte precoce⁹, mas também podem ganhar *poder vital* quando encontram aliados que lhes ofereçam oportunidades de educação e inserção qualificada no mercado de trabalho, expressando valores como diálogo, cooperação, altruísmo, preocupação pelos outros.

A maioria dos adultos deseja garantir segurança e bem-estar aos mais novos. Por isso procuram, de todas as maneiras ao seu alcance, construir e assegurar espaços protegidos para crianças e adolescentes.

9. Pesquisa coordenada pelo sociólogo Jailson Souza e Silva, realizada pelo Observatório de Favelas, entidade do Complexo da Maré, zona norte do Rio, entre 2004 e 2006, com 230 pessoas de 11 a 24 anos que traficam drogas, revelou que 88% dos entrevistados tinham menos de 18 anos e a faixa etária mais expressiva ia de 16 aos 18 anos. A maioria abandonou a escola entre 11 e 14 anos, e não vislumbrava nenhuma oportunidade de encontrar um trabalho legal. Das crianças e adolescentes ouvidos na pesquisa, acompanhados durante 5 meses, 14,6% morreram (45 deles, a maioria morta pela polícia). A pesquisa revelou que 67% ganhavam de 1 a 3 salários mínimos (350 a 1.050 reais), apesar da extensa carga horária (10 hora/dia), e 57% não têm folga semanal. Um *office boy* com jornada diária de 8 horas chega a receber 800 reais. (Roberta Pennafort, “Vítimas do tráfico e da extorsão” – Pesquisa revela que crime usa jovens cada vez mais novos no Rio e mais da metade deles já pagou propina para a polícia. *Jornal O Estado de S.Paulo*, 24/11/2004, C8).



3

QUANDO A COMUNIDADE SE MOBILIZA PARA PROTEGER SUAS CRIANÇAS

“... As aulas que o povo aprende a crer em si mesmo são as situações concretas do seu trabalho e a cultura da classe são as construções simbólicas da trajetória de suas muitas vitórias e recuos.”¹⁰

Além das aprendizagens que a realidade do Morro dos Macacos oferece de forma não intencional às crianças e aos jovens, há iniciativas organizadas pelo governo e pela comunidade, como escolas e creches, cujo objetivo é precisamente desenvolver o seu potencial e protegê-los da violência.

O CEACA-VILA, Centro Comunitário Lídia dos Santos, é uma das organizações da comunidade do Morro dos Macacos empenhadas em garantir direitos de cidadania, especialmente à educação, que é o direito de todas as crianças.

Uma das primeiras ações do CEACA, que nasceu em 1978, foi mobilizar recursos para criar a Creche Patinho Feliz, como resposta à demanda de mães que trabalhavam fora e não tinham com quem deixar os filhos menores.

Com iniciativas como essas, o CEACA reforça a atuação da comunidade, demonstrando, na prática, que ela é perfeitamente capaz de criar estratégias que mudem a sua própria realidade, inventando novas frentes de trabalho e ampliando e sustentando as já existentes.



10. Carlos Rodrigues Brandão, “A cultura do povo e a educação popular” in: *A questão política da Educação Popular* - Ed. Brasiliense, 1980.



4

COMO O CECIP ENTRA NESSA HISTÓRIA

“Colocar em prática um projeto político-pedagógico que assegure às crianças pequenas uma educação infantil de qualidade é tecer e fortalecer uma teia de relações que envolve as crianças, os educadores, os funcionários, a família, a comunidade e outras instituições e escolas”.¹¹

Parcerias e alianças entre pessoas e organizações formam-se a partir de valores e objetivos comuns. O CECIP compartilha com o CEACA-VILA a preocupação em garantir que todas as crianças e todos os jovens possam usufruir plenamente de seus direitos.

Criado no Rio de Janeiro em 1986, o CECIP é uma organização da sociedade civil sem finalidade lucrativa, que atua nas áreas de Direitos Humanos, Educação, Saúde, Meio Ambiente e Cultura. Um de seus objetivos é investir na formação de “agentes de mudança”, isto é, professores, diretores e outros

11. Maria Lucia Lara, in “Trocando em Miúdos as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil”, Jovelina Cecon – org-fasc 2, CECIP, 2004.



CECIP | 20 anos

Oi Futuro 19 de junho a 26 de agosto – de terça a domingo, das 11 às 20h

Rua Dois de Dezembro 63, Flamengo
(Metrol Largo do Machado)

Participam:



trabalhadores da Educação, além de profissionais da Saúde, Cultura, Arte, Assistência Social, incluindo jovens estudantes dessas áreas, e em especial, lideranças comunitárias. O CECIP lhes oferece instrumentos que contribuem para a descoberta de novas formas de apoiar comunidades a serem mais efetivas em seus processos de transformação.



As ferramentas são os materiais educativos que o CECIP cria, produzidos com a participação, em pé de igualdade, de lideranças, educadores e especialistas. Um dos frutos dessa maneira de trabalhar é o conjunto de materiais “Estatuto do Futuro”, que ajudam a transformar em realidade a Lei 8.069/90, o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, uma lei de fundamental importância, que permanece quase desconhecida.

Foi em 1997, durante a produção do “Estatuto do Futuro”, que os caminhos do CECIP se cruzaram pela primeira vez com os do CEACA. O *kit* foi planejado para ter publicações e vídeos destinados a divulgar o ECA, convidando adultos, crianças e jovens a protagonizar ações comunitárias baseadas na nova diretriz. Durante a elaboração desse conjunto de materiais educativos, o CECIP promoveu reuniões com entidades voltadas à promoção dos direitos da criança no Rio, entre elas o CEACA.

Em 2004, o CECIP iniciou uma parceria com a Fundação Bernard van Leer, da Holanda, baseada no interesse comum em promover educação de qualidade para crianças de zero a 6 anos. Com o Projeto “Investindo no Futuro”, o CECIP, apoiado pela Fundação, trabalhou no aperfeiçoamento profissional em três creches que atendem a comunidades pobres do Rio. Nelas, os materiais “A Creche Saudável” e “Trocando em Miúdos as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil” foram usados para colocar em prática mudanças qualitativas.

Uma das creches às quais o CECIP apresentou a proposta de realização de oficinas de formação para a equipe de educadores foi a Patinho Feliz, coordenada pelo CEACA. A equipe pedagógica da Patinho Feliz não só acolheu o projeto, como sugeriu que o apoio se estendesse a outras quatro creches da comunidade, um claro indicador do espírito solidário que prevalece no Morro dos Macacos.

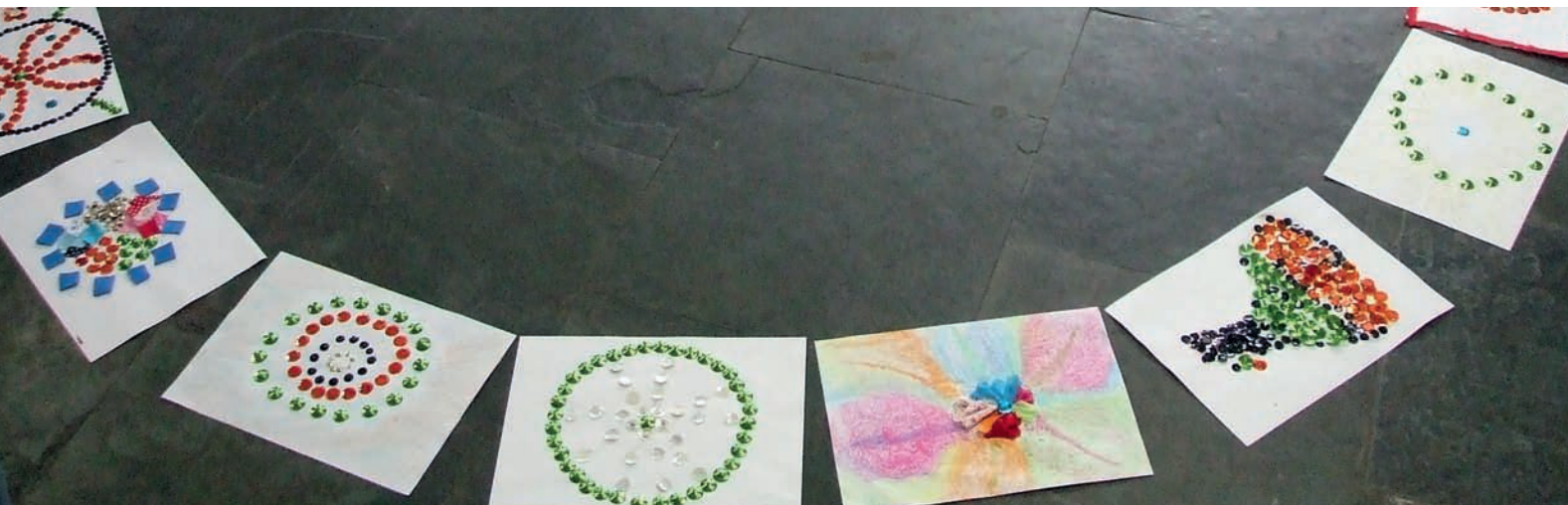
O trabalho foi conduzido pela equipe de Educação Infantil do CECIP¹², utilizando os princípios da Facilitação de Mudanças Educacionais. (Veja box à página 19).

As oficinas foram organizadas em forma de encontros, nos quais se criou um ambiente que estimulou a conversa, a escuta, e a troca de experiências sobre o cotidiano das creches. Pouco a pouco, foi sendo construído um saber comum, em que os aportes teóricos iam sendo absorvidos porque faziam sentido, sempre comparados à experiência vivida pelas educadoras, ajudando-as a compreender uma realidade que todas as creches compartilhavam.



Durante todo o processo, o instrumento provocador de aprendizagem profissional, com mudanças na prática junto às crianças, foi o conjunto de “experimentos” desenvolvidos pelas professoras: novas atitudes e atividades escolhidas por elas, a partir do repertório oferecido pelo debate do material “Trocando em Miúdos”, para serem

12. Jovelina Ceccon, Coordenadora, organizadora dos materiais Creche Saudável e Trocando em Miúdos; Maria Lucia Lara, coautora do Creche Saudável e Trocando em Miúdos; Monica Mumme, Coordenadora de Projetos do CECIP, Patrícia O. Fonseca, Facilitadora de Mudanças Educacionais.



implementados dentro da sala de atividades. Esses experimentos, que possibilitavam o exercício de novas práticas e a reflexão sobre elas, foram incorporados pelas educadoras. Elas passaram a ter uma nova atitude, graças aos instrumentos que lhes permitiam melhorar, cada vez mais, o seu trabalho com as crianças.



Mônica, Maria Lucia, Jô e Patrícia

Em vários momentos, o trabalho foi documentado em vídeo. Passado um ano, as educadoras envolvidas puderam constatar, ao rever as primeiras gravações, quantas mudanças importantes haviam ocorrido: no espaço físico, no uso do material pedagógico, na relação entre educadoras e crianças e na relação com as famílias.

Na Patinho Feliz, por exemplo, a biblioteca, antes fechada, passou a ser um dos lugares preferidos das crianças, que foram estimuladas a escolher e levar para casa os livros e

compartilhá-los com suas famílias. As professoras experimentaram diversas técnicas de contação de histórias, criando momentos inesquecíveis para as crianças e para elas mesmas. Essa mudança na qualidade de atendimento foi sentida por todas as partes interessadas: mães, pais, familiares e, sobretudo, pelas próprias crianças.

As professoras passaram a sentir-se mais seguras no que estavam fazendo. À medida que iam adquirindo novos instrumentos de análise que lhes permitiam perceber as mudanças, viram que seu esforço estava valendo a pena, o que trouxe ânimo redobrado para toda a equipe.

No encerramento do Projeto “Investindo no Futuro”, em agosto de 2005, somou-se às avaliações positivas a constatação de que ações de incentivo à Educação Infantil deveriam continuar a aprofundar-se na comunidade, porque as crianças menores são as mais vulneráveis à violência latente. Dona Anna Marcondes, liderança comunitária que dirige o CEACA-VILA, dividiu com a equipe do CECIP a preocupação em relação às crianças de até 10 anos que, depois do horário da escola, ficavam ociosas e vulneráveis, naquele ambiente de risco.

Era preciso encontrar uma resposta à necessidade de proteger as crianças e, ao mesmo tempo, oferecer-lhes um outro mundo possível, de alegria, encontros e descobertas, com acesso a recursos de arte, cultura e tecnologias da comunicação e informação, o que parecia ser um sonho inatingível.

Ferramentas para uma educação infantil onde as crianças são protagonistas

Em 1996, atendendo ao pedido da então Associação Brasileira de Creches (hoje ASBREI – Associação Brasileira de Educação Infantil), o conjunto de materiais *A Creche Saudável* foi produzido pelo CECIP com apoio da Fundação W.K. Kellogg.

O kit *A Creche Saudável*, com informações sobre desenvolvimento infantil, vem sendo usado em todas as regiões do Brasil. Em dois estados, Rio de Janeiro e Bahia, seu uso foi acompanhado durante dois anos e feita uma avaliação dos seus resultados nas instituições de educação infantil que utilizaram o *kit* e cujos educadores receberam uma formação a respeito de seu conteúdo.

A avaliação demonstrou que aconteceram mudanças muito positivas, melhorando a qualidade do cuidado com as crianças. Esse trabalho de formação e disseminação do material em diversas regiões, com o apoio do Unicef, resultou em um novo conjunto de materiais edu-

cativos, chamado *Trocando em Miúdos as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil*. Entre as recomendações feitas, havia a demanda por um material onde as novas diretrizes, que o

Governo acabava de estabelecer, fossem traduzidas em sugestões práticas que pudessem ser usadas por educadores de crianças de zero a seis anos.

Produzido com apoio do Unicef, este material convida os educadores a dialogar com as crianças, buscando fortalecer sua identidade e criando oportunidades para a gradativa expansão de sua autonomia.

A ideia é que crianças podem e devem ser protagonistas de seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Mas, para que isso aconteça, é essencial haver uma formação continuada dos educadores, além do indispensável envolvimento das famílias e da valorização dos aspectos culturais positivos das comunidades.





5

CENTRO CULTURAL DA CRIANÇA: UM SONHO SONHADO JUNTO

“O que resta de grandezas para nós são os desconheceres, completou.

Para enxergar as coisas sem feitiço é preciso não saber nada (...)

Só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feitiço”. ¹³

A equipe de Educação Infantil do CECIP dedicou-se a pensar como seria possível responder às demandas da comunidade do Morro dos Macacos. Não havia dúvida de que era preciso fazer algo, mas o que, exatamente? A quem caberia tomar a iniciativa? Que tipo de projeto seria preciso elaborar? Quais atividades seriam desenvolvidas? Que espaços seriam necessários para abrigá-las? Quem reuniria condições para investir tempo e conhecimentos necessários para levar a proposta avante?

Procurando responder a essas questões, esse lugar começou a ser sonhado. Um lugar onde as crianças do Morro dos Macacos, além de estarem protegidas, se tornassem as principais protagonistas de ações criativas, com o direito a desenvolver integralmente o seu potencial. Era a semente plantada por uma comunidade em processo de mudança, buscando substituir a violência latente, pronta a se manifestar a cada momento, por uma nova maneira construtiva de lidar com os conflitos que existem em qualquer comunidade.

13. Manoel de Barros, *Retrato do Artista quando Coisa*, Ed. Record, 1998.



As discussões foram aos poucos se direcionando para a criação desse sonho, que foi tomando a forma do Centro Cultural da Criança. O local disponível, o andar superior da construção que abrigava a Creche Patinho Feliz, era um espaço parcialmente destruído, entulhado por restos de telhas de fibrocimento quebradas, pedaços de caibros, tijolos e detritos. Junto com a equipe do CEACA, que trazia todo seu conhecimento da realidade e da cultura do Morro, começou a ser esboçado o Projeto “Espaço Protegido.” A ideia que foi tomando forma é que, no Centro Cultural da Criança,

as crianças deveriam aprender brincando. Através da brincadeira, dos jogos, da interação com as outras crianças, da criação e do respeito às regras criadas por elas mesmas, do exercício de seus direitos e de sua capacidade de escolha, as crianças viveriam na prática conhecimentos e habilidades que as acompanhariam pelo resto de suas vidas.

Ainda na fase de definição desse programa, o CECIP fez os primeiros contatos com a Fundação Bernard van Leer, sondando seu interesse na proposta que ia tomando forma. Tendo havido boa receptividade, a equipe



de Educação Infantil dedicou-se a redigir o Projeto “Espaço Protegido”, descrevendo o Centro Cultural da Criança, suas finalidades, as atividades programadas, a composição de sua equipe, a estimativa de custos de reforma do espaço colocado à disposição do projeto e o cronograma, para que entrasse em funcionamento no mais breve prazo possível.

Enquanto a proposta enviada à Fundação estava sendo examinada, o detalhamento do projeto continuava a ser feito pelo CECIP, sempre em diálogo com o CEACA. As questões iam surgindo:

- onde encontrar pessoas qualificadas para tocar esse projeto?
- como selecioná-las?
- que tipo de capacitação deveria ser feito? que formação inicial deveriam ter?

Em agosto de 2005 veio a resposta da Fundação Bernard van Leer. Ela decidiu apoiar o Projeto “Espaço Protegido” por dois anos, o primeiro, até agosto de 2006, dedicado à construção do Centro, e o segundo, do seu funcionamento até agosto de 2007.¹⁴

14. Em 2007, a pedido do CEACA e do CECIP, a Fundação Bernard van Leer, observando os avanços conseguidos e os benefícios gerados em tão pouco tempo, renovou seu apoio ao Projeto “Espaço Protegido” por mais três anos, focalizando, nessa etapa, os processos de transição das crianças: da família para o Centro e do Centro para as escolas.



6

SOMANDO VONTADES E FORÇAS: QUANDO 1 + 1 SÃO MAIS DO QUE 2

*“Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito e que o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que, com muitos outros galos, cruzem os fios do sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma tênue teia, se vá tecendo entre todos os galos”.*¹⁵



Era o momento de ampliar parcerias, criando sinergia em torno do projeto de erguer, em um ano, esse espaço de sonho para as crianças do Morro dos Macacos.

O esforço para obter outros apoios e sensibilizar quantos pudessem ajudar é um trabalho que não aparece, mas quanto investimento em articulações, em tempo, em

perseverança e em muita paciência... Vários fatores ajudaram as articulações que se seguiram e que foram decisivas para que o sonho do “Espaço Protegido” se tornasse realidade:

- CECIP e CEACA levantavam uma bandeira compartilhada por governo e sociedade do Rio, a de proteger as crianças.

15. João Cabral de Mello Neto, “Tecendo a Manhã”, citado em *Ler e Escrever, muito Prazer*, Beatriz Cardoso e Madza Ednir, Editora Ática, 2004.

16. Bernardo Toro, “Mobilização Social: uma teoria para universalização da cidadania”, in: *Comunicação e Mobilização Social*, Universidade de Brasília, 1996.

17. www.concreta.com.br

Criaram o que o educador Bernardo Toro chama de “imaginário convocante”.¹⁶

- Existia uma cultura de cooperação interinstitucional já instalada, tanto no CECIP quanto no CEACA. O CECIP vem participando da construção de uma rede, ao longo de mais de duas décadas de existência, com outras ONGs e fundações, afinadas com sua missão de democratizar informação, fortalecer a educação e a comunicação de qualidade e impulsionar políticas públicas. O CEACA, por sua vez, é a demonstração concreta de que só se constrói buscando alianças.
- Ao se contatar os possíveis apoiadores do projeto, existia bastante clareza sobre o que era necessário para viabilizá-lo, em materiais de construção, equipamentos pedagógicos, brinquedos ou serviços.

Parceiros na construção

Uma vez tomada a decisão de construir o Centro Cultural da Criança no andar superior da creche, com acesso independente, a Patinho Feliz teria de receber acréscimos para compensar as áreas perdidas. Foi necessário elaborar um outro projeto de arquitetura, desta vez incluindo a creche. Isto significou ampliar os 140 m², inicialmente reservados ao Centro Cultural da Criança, para mais de 400 m². Os recursos disponibilizados no projeto aprovado pela Fundação van Leer se tornaram subitamente insuficientes. Era necessário procurar novas parcerias.

Claudius Cecon, Diretor Executivo do CECIP, arquiteto de formação, dedicou-se a elaborar, voluntariamente, os projetos de arquitetura para a Creche e para o Centro. Foram necessários levantamentos topográficos, cálculos estruturais, detalhamentos e estimativas de orçamento, além da permanente consulta às lideranças da comunidade sobre cada passo a ser dado.

O projeto de arquitetura definiu os espaços. Era preciso saber se a estrutura existente suportaria os acréscimos feitos. Foram convocados os engenheiros José Carlos Filizola e Carlos Fragelli, diretores da Concreta¹⁷, uma empresa de engenharia especializada em cálculo e construção em concreto armado e estruturas metálicas. Informados sobre o caráter e a finalidade do projeto, os dois engenheiros aceitaram a missão. Passaram a acompanhar a obra em caráter voluntá-

rio, mesmo submetidos à forte pressão de trabalho em seu escritório. Seu indispensável apoio técnico foi fundamental. Sob sua supervisão, a obra foi dirigida por Jonas Ramos, um experiente mestre de obras, morador da comunidade.



Jonas Ramos, José Carlos Filizola, Carlos Fragelli e Jovelina Ceccon

O CEACA-VILA assumiu a responsabilidade de realizar, em conjunto com o CECIP, a administração dos recursos disponibilizados pela Fundação Bernard van Leer para a obra. Contratou mão de obra local para a construção, aportou recursos próprios como contrapartida e mobilizou-se para captar verbas complementares.

Instituto **Dynamo**

O CECIP, por seu lado, entrou em contato com o Instituto Dynamo, uma instituição

que apoia projetos sociais e educacionais de qualidade.¹⁸ O Instituto apoiou a reconstrução, cobertura e esquadrias do espaço originalmente semidestruído, que o projeto transformou em salão de atividades de corpo e movimento do CCCria.

18. www.dynamo.com.br



Trabalho de grupo, educadoras da Creche Patinho Feliz

Outra contribuição importante na criação do CCCria foi a das professoras e lideranças da Creche Patinho Feliz. Decididas a não interromper as atividades durante o tempo da obra, professoras, crianças e suas famílias conviveram, por um ano e três meses, com todos os transtornos que uma obra causa, mantendo um invejável bom humor e uma inabalável disposição para cooperar. Como recompensa, ganharam três salas novas para as crianças e duas para a administração, além de um pátio coberto e a ampliação do espaço para atividades livres.

Parceiros no mundo digital



19. www.planetaeducacao.com.br
20. www.fundacaolygiabojunga.com
21. www.fundacaodolivroinfantjuvenil.com.br

Para equipar a sala de informática, o CECIP planejava contatar ONGs que trabalhassem com inclusão digital. Esta parceria acabou acontecendo antes do esperado, pelo Planeta Educação/Futurekids¹⁹, empresa especializada em educação digital para crianças. Seus dirigentes visitaram o CECIP e se apaixonaram pelo projeto do CCCria. Passando imediatamente à prática, equiparam o espaço do “Pequeno Cidadão Digital”, como foi chamada a sala de informática, com seis computadores, mobiliário, impressora/copiadora, *scanner* e máquina fotográfica digital. Assumiram também o compromisso de capacitar os jovens agentes culturais da comunidade a utilizar programas especialmente direcionados às crianças, acompa-

nhando-os com assistência técnica e assumindo seus salários durante toda a duração da parceria.

Parceiros na leitura

Conhecendo o CECIP na área de produção de materiais educativos e a atuação de Claudius Cecon como escritor e ilustrador de livros infantis, a Fundação Lygia Bojunga²⁰ e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil²¹ doaram mais de 200 livros novos para a sala de leitura do CCCria.



Um testemunho



A parceria estabelecida com o CECIP - Centro de Criação de Imagem Popular e o Centro Comunitário Lídia dos Santos para atuar no Centro Cultural da Criança, desenvolvendo atividades com as crianças no espaço “Pequeno Cidadão Digital”, laboratório de informática organizado e mantido por nossa empresa, vai muito além das nossas expectativas de sucesso e reconhecimento pelo trabalho que vem sendo realizado.

A cada encontro para avaliar o projeto, a cada mensagem trocada para compartilhar as conquistas, a cada telefonema dado para vivenciar as emoções dos sorrisos ofertados pelas crianças a nossa equipe de trabalho, já bastam e

confirmam a nossa crença que essa parceria é diferente.

Diferente pelas lições aprendidas em uma comunidade premiada por ter crianças de talentos, que sorriem apesar da desigualdade social que o mundo impôs a elas.

Sinceramente... Somente podemos comemorar a parceria e registrar o nosso muito obrigado pela oportunidade!

*Elisete Baruel
Planeta Educação / Futurekids
8 de novembro de 2007.*

Parceiros na brincadeira

Cristina Porto, diretora da brinquedoteca Hapi, doou ao CCCria todos os brinquedos de outra recém-desativada, para que outras crianças continuassem a usá-los. Uma verdadeira festa para as crianças do CCCria!

Parceiros na telinha

O CECIP já havia desenvolvido trabalhos em parceria com a Fundação Roberto Marinho²² e com o Canal Futura.²³ O Canal Futura doou à Videoteca do CCCria uma coleção de vídeos de qualidade, especialmente selecionados para atender a diversas faixas etárias.

Parceiros na alimentação

Como no projeto não estava prevista a alimentação das crianças, o CEACA-VILA decidiu assumir essa parte. As crianças frequentadoras do CCCria passaram a ganhar dois lanches, um pela manhã e outro à tarde, planejados por uma nutricionista.

Dizem que tudo sempre é criado duas vezes: primeiro na imaginação e depois na realidade. O Centro Cultural da Criança mostrou que muitas pessoas e organizações decidiram sonhar juntas com a comunidade do Morro dos Macacos. Hoje, o espaço protegido onde suas crianças podem ser plenamente crianças tornou-se uma realidade.

Parceiros na formação

A equipe de Educação Infantil do CECIP, ao estruturar o processo de formação dos educadores que iriam atuar no Centro, contou com a parceria de várias instituições com as quais já havia um diálogo anterior. Abriam suas portas e disponibilizaram profissionais de excelência para ouvir as questões e dúvidas dos educadores culturais do CCCria as seguintes instituições:

- Colégio São Vicente de Paula
(www.vicente.com.br)
- Tear (www.tear.com.br)
- Tabladinho (www.tabladinho.com.br)
- Centro Educacional Anísio Teixeira
(www.ceat.org.br)
- Obra Social do Rio Comprido
- Projeto Ressurgir no Rio Comprido
(www.ressurgir.org.br)
- Instituto de Educação do Rio de Janeiro
- Instituto Pão de Açúcar
- Brinquedoteca de São Caetano do Sul,
São Paulo

22. www.fundacaorobertomarinho.com

23. www.canalfutura.com



7

ORA, DIREIS, OUVIR CRIANÇAS...

“Prestar atenção naquilo que nos está sendo dito é uma das formas mais poderosas de estar presente. Esta presença - em que recebo o que é dito, sem aconselhar ou tentar consertar o outro - reconhece e valida a experiência do outro”.²⁴

O CCCria não é só uma construção de tijolos, concreto e argamassa. É sobretudo uma construção de ideias, princípios e sonhos. Expressa, ao mesmo tempo, um projeto de arquitetura, um projeto político-social e um projeto de pedagogia, todos baseados na escuta e no reconhecimento do outro.

O CCCria nasceu da demanda da comunidade por um espaço protegido para suas crianças, durante o tempo em que não estão na escola. Mas vai crescendo baseado na escuta das necessidades e expectativas dessas crianças. É um Centro Cultural da Criança, não para a criança. E, se ele é das crianças, elas é que devem dizer como o desejam.

É importante lembrar que o CCCria também pertence às famílias e à comunidade. Uma comunidade que deverá sustentar e desenvolver esse espaço, quando o CECIP e a Fundação van Leer tiverem saído de campo. Da mesma forma como perguntamos às crianças o que elas queriam do Centro, era preciso saber como as famílias e a comunidade viam um Centro Cultural da Criança e saber em que medida essa ideia também era sua. Que imagem a comunidade teria de um centro cultural? Quais suas expectativas em relação ao que ele pode proporcionar às crianças?

Para criar um Centro Cultural que tivesse a cara e o jeito de seus “donos”, o CECIP realizou, no espaço do CEACA-VILA, nove ofi-

24. Dominic Barter, “Compreendendo o sistema restaurativo”, in: *Justiça e Educação em Heliópolis e Guarulhos: parceria pela cidadania*, FDE-SEE/SP – Varas da Infância e Juventude de Heliópolis e Guarulhos, org. CECIP, 2007.

cinas. Foram ouvidas 112 crianças de 2 a 10 anos, 11 educadores de creches e de outros projetos, 27 jovens e as famílias cujas crianças frequentavam a Creche Patinho Feliz.

Escutando crianças

Como não podia deixar de ser, as oficinas com as crianças foram realizadas de forma muito prazerosa, com jogos, brincadeiras e

contação de histórias, num clima de alegria e curiosidade. (Veja box). Queríamos saber o que as crianças desejavam, o que esperavam que um Centro Cultural pudesse lhes oferecer. Sendo elas as protagonistas, nada mais justo do que terem a oportunidade de escolher as atividades que gostariam de participar.

O jogo “Macaco mandou perguntar” foi um dos mais reveladores.

Macaco mandou perguntar...

... no CCCria, o que você gostaria?

A facilitadora começou contando um segredo, bem baixinho, só para as crianças, chamando sua atenção para o que ia acontecer durante a oficina. Logo em seguida, começou a brincadeira do “macaco mandou”, onde as crianças têm que obedecer aos comandos do “macaco.” É uma brincadeira que estimula a criatividade e favorece a participação espontânea das crianças.

Foi apresentado às crianças um macaco de pelúcia. Elas imediatamente lhe deram um nome. Criada a relação afetiva entre o personagem e as crianças, a facilitadora, por meio do Macaco, contou a história do Centro Cultural, perguntando às crianças o que gostariam de encontrar nele. Além de se expressarem verbalmente, elas também usaram argila para modelar os seus desejos em relação ao CCCria.

E o que desejavam as crianças? Seus desejos mostravam os limites do alcance de seu universo atual: querem brinquedo para brincar; macaco; boneca Barbie; salão de beleza; telefone rosa para ligar para Papai Noel; espelhos; escovas; cremes para os cabelos; bolos; pizza; lanche; festa.

Sempre há surpresas:

Uma criança pediu lápis e desenhou um escorrega.



Escutando jovens, educadores e outros membros da comunidade

Jovens, educadores e outros membros da comunidade preencheram um mesmo questionário, produzido pelas equipes do CECIP e do CEACA.

Os jovens que já participavam de um projeto do CEACA foram capacitados a aplicar o questionário e sua experiência anterior foi um grande facilitador para o êxito da nova pesquisa.

Alguns resultados importantes

- Quando perguntados se conheciam algum centro cultural, 59% dos entrevistados responderam que sim – o Centro Cultural Banco do Brasil e o CEACA-VILA. A identificação do CCBB pode estar vinculada a uma eventual visita ou à sua divulgação na mídia. A do CEACA-VILA se deve, certamente, à sua atuação e representatividade na comunidade.
- Para a grande maioria dos entrevistados um Centro Cultural localizado na comunidade deveria ter espaços de expressão corporal, para atividades como capoeira, balé e dança.
- À pergunta: “Você colaboraria com o Centro Cultural?” 70% dos entrevistados responderam que sim.
- A maioria das expectativas e necessidades das crianças e da comunidade pôde ser incorporada ao projeto do CCCria. Com isso, cada um encontrou um pouco de si próprio no Centro Cultural, quando ele ficou pronto. Essa é uma condição para que ele seja reconhecido e apropriado como patrimônio de todos, garantindo, assim, a sua continuidade no tempo.





8

UM ESPAÇO PROTEGIDO: A CRIANÇA É A SENHORA DO CASTELO

*“Como pode o pássaro nascido para a alegria
ficar em uma gaiola e cantar?”*

*O que pode a criança
quando o medo a perturba,
a não ser deixar cair as tenras asas
e esquecer sua primavera juvenil?”*²⁵

Ao contrário das crianças brasileiras nascidas em famílias de classe média e alta, as nascidas de famílias pobres ou muito pobres (mais de 27 milhões!)²⁶ e, em especial, as que moram nas favelas e periferias dos grandes centros urbanos são pássaros confinados nos espaços mínimos de habitações precárias. Além disso, essas crianças quase não saem do entorno em que vivem. Mal conhecem o bairro em que está localizada a sua comunidade, nunca foram ao centro da cidade ou à praia, mesmo sendo ela de-

mocraticamente acessível a todos. Como no poema, são pássaros sem possibilidade de voar.

Os moradores do Morro dos Macacos querem que suas crianças possam usar suas asas para levantar voo, livremente.

Foi essa escuta das necessidades e sonhos das crianças da comunidade, dos jovens e educadores, que foi formando o **corpo** e a **alma** do CCCria.

25. William Blake (1757-1827), Canções da Inocência, in: *Canções da Inocência e da Experiência*, Disal Editora, 2005.

26. “Situação da Infância do Brasil” – relatório UNICEF, 2006.

“A **alma** de qualquer espaço educativo é feita de princípios, valores e crenças. A proposta educacional é o resultado das decisões e das ações das pessoas que habitam esse espaço. O **corpo** desse espaço é a sua construção física. Os elementos materiais que o constituem também revelam os princípios, os valores, as crenças incorporadas em sua proposta educacional. Um bom médico consegue, muitas vezes, saber se uma pessoa está saudável ou doente antes mesmo de falar com ela: basta-lhe observá-la. O mesmo acontece com um bom educador que, diante de um espaço educativo deserto, também pode ter algumas pistas a respeito do local, pelo simples olhar para corredores, pátios, salas de atividades e outras dependências.”²⁷

27. Rose Neubauer e colegas, “Escolas e salas de aula como espaços de aprendizagem” in: *Ofício de Gestor, Escola de A a Z*, Fundamentos da Ação - Fundação Victor Civita, 2006.

Ao criar o projeto do que seria o CCCria, o arquiteto tinha em mente fazer com que esse **corpo** deixasse ver a **alma** do CCCria: as intenções e objetivos da comunidade e dos aliados que geraram o Centro e, principalmente, a ideia de que aquele seria “um espaço protegido”, onde as crianças exercessem seu direito à alegria, ao brincar, ao aprender num ambiente seguro, onde elas fossem as protagonistas. Foi assim que o CCCria foi adquirindo, na imaginação, a forma de um castelo de conto de fadas.

Mais tarde, em conversas com a equipe, o sentido do “castelo” foi se tornando mais claro. Além de ser um elemento dos contos de fada – que as crianças adoram – o castelo transmite a ideia de proteção. Em seu *Dicionário de Símbolos*, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (José Olympio Editora,





1990) afirmam que “*Na vida real, como nos sonhos... o castelo dá impressão de segurança ... mas de uma proteção no mais alto grau. (...) O que é protegido pelo castelo é a transcendência do espiritual. Julga-se que ele resguarde um poder misterioso e inatingível (...) O castelo simboliza a conjunção dos desejos*”. (...)

O poder que o castelo do CCCria resguarda é o imenso poder da infância, que resiste às maiores provações e, apesar de tudo, consegue florescer e renovar a humanidade.

Este castelo simboliza a conjunção de muitos desejos – dos pais, mães e familiares, dos adultos em geral, dos educadores, dos aliados, parceiros e amigos do CEACA-VILA e do CECIP – de que as crianças estejam a salvo da violência, livres do medo, para que, ao crescer, possam ser fontes de uma nova cultura, de justiça e educação.

Este castelo simboliza o desejo das cidadãs e dos cidadãos que moram no Morro dos Macacos, de que suas crianças e adolescentes possam ir e vir com segurança; possam dar livremente sua opinião, brincar, praticar esportes e divertir-se; participar da vida familiar e comunitária sem discriminação e, além de tudo isso, participar na vida política, buscar refúgio, auxílio e orientação. (ECA, cap. II, art. 16).

Ambiente bom

“O Pedro é levado. Aqui ele aprende muita coisa, sai do ambiente ruim da rua. Antes ele não tinha o que fazer; ficava só vendo televisão. Agora com ele vindo ao Centro dá mais tempo pra eu cuidar da casa.”

Alverinda Ninha Caetano, mora há 30 anos no Morro dos Macacos, tia de Pedro Henrique dos Santos Freire, 7 anos.





9

A “ALMA” DO CASTELO Princípios e valores; aprendizagem continuada para todos e todas

“Os problemas ajudam na formação do raciocínio das pessoas, pois está nas mãos delas descobrir a solução.

Você pode ajudá-las no processo, mas nunca assumir o problema; nunca torná-lo seu.

Se você fizer isso, prepare-se para muito trabalho, mais do que vai conseguir dar conta; além disso, você dificilmente chegará à solução adequada e as pessoas continuarão dependendo de você”. ²⁸

A criação do CCCria foi uma decisão da comunidade do Morro dos Macacos, contando com o apoio de aliados e parceiros, para resolver um problema que a comunidade identificou e considerou como seu, pois necessitava de ações imediatas e as crianças não podiam esperar. O *protagonismo* e a autonomia dessa comunidade estão presentes em todas as ações promovidas pelo Centro: nos princípios e valores que as inspiram,

nos processos de formação continuada e na interação com as famílias.

Percebe-se uma comunidade cidadã, que ganha cada vez mais consistência, apoiando processos educativos que significam maior consciência dos direitos e deveres dos educadores e das famílias. As crianças são a razão de ser de tudo isso: elas crescerão vivendo novos valores, que as acompanharão por toda a vida.

28. CECIP/APS International, *Mestres da Mudança, liderando escolas com a cabeça e o coração*, Ed. Artmed, 2006.

Princípios e valores do projeto

O CCCria adota princípios e valores de protagonismo – especialmente de protagonismo infantil –, de cidadania e de parceria. No enfoque dado pelo CCCria, esses princípios e valores se realizam no ato de brincar: a brincadeira, o jogo coletivo, a interação e o conhecimento que trazem a quem participam são elementos importantes na construção de uma pessoa consciente de seus direitos e um campo fértil para todos os aprendizados posteriores.

Protagonismo

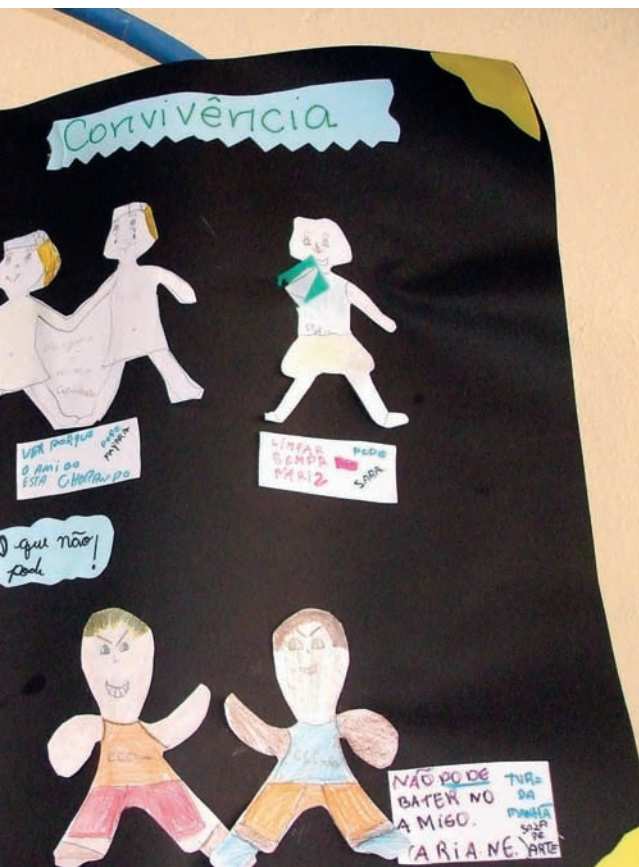
Ser *protagonista* é sair da cadeira de quem apenas assiste e entrar em cena, correr os riscos de quem atua, de quem se mostra, de quem é capaz de assumir a autoria da própria vida.

O CECIP construiu a sua definição de *protagonismo* a partir da prática de colocar as pessoas bem no centro do processo de aprendizagem, de mudança e de transformação. Nesta prática, é importante promover a escuta e o respeito ao outro, ao diferente, às diferenças. Enfatizar o *protagonismo* é acreditar na capacidade que todos possuem de agir e de tomar decisões, expressando a própria autonomia. Quando isso é posto em prática, o resultado são pessoas mais seguras, mais capazes de enfrentar desafios, mais independentes e responsáveis.



Uma nova visão de mundo é construída pelo olhar de quem percebe, pela mão de quem faz e pela vivência de quem experimenta. Novos valores e concepções surgem da escuta e do diálogo com homens, mulheres, jovens e crianças: iletrados ou doutores, todos têm vivências, percepções, experiências, todos têm algo a dizer, a ensinar e a aprender.

Aprendizagens são descobertas que acontecem quando se estabelece um clima de confiança, de estímulo e de muita participação.



Nesse ambiente, os limites de cada um são aceitos e eventuais erros ou lacunas não são motivo para outra coisa a não ser um ponto de partida para superar desafios e alcançar novas conquistas.

Por essa razão, a experiência cotidiana no CCCria é a superação da cultura da “não participação” e da dependência, mudando para uma atitude em que todos buscam superar solidariamente os problemas, como *protagonistas* das mudanças que devem acontecer em suas vidas e no lugar em que vivem.

Protagonismo infantil

Em nosso país, por mais da metade de sua história, a esmagadora maioria da população não teve o direito de participar das decisões que afetavam seu próprio destino. É compreensível, portanto, que a prática da autonomia e da participação ainda seja uma questão difícil para muita gente. Como dizia Paulo Freire, no seu livro *Pedagogia do Oprimido*: “dentro de cada um de nós coexistem o opressor e o oprimido. A pesada herança dos séculos de escravagismo faz com que seja comum nos comportarmos inconscientemente ou como senhores ou como escravos, em vez de como iguais, capazes de reconhecer e valorizar nossas diferenças. Uma atitude leva a outras discriminações, como não aceitar o protagonismo dos jovens e, ainda menos, conseguir ver as crianças como protagonistas”.²⁹

Durante o processo de implementação das práticas do CCCria, surgiram muitas perguntas cujas respostas não eram evidentes. Para responder adequadamente a essas dúvidas era necessário refletir, pesquisar, estudar, para conhecer a experiência de quem já enfrentou essas questões, confrontando-a com a do CCCria.

Por exemplo, qual é o limite que existe entre a responsabilidade da criança e a do adulto? Quem estabelece este limite? Como essa decisão é tomada?

Ou então, como estimular crianças a se formarem como sujeitos de direitos, se os pró-

Lugar certo

“O bom é que além de não estar em lugar errado, fazendo o que não deve, está aprendendo alguma coisa sob olhar do adulto. O comportamento mudou, ela está se interessando em dançar. Ela fala que gosta de dançar e de informática. Até pediu um computador para eu comprar pra ela.”

Sergio da Silva, nascido na comunidade, pai da Suellen Bacellar da Silva, 9 anos.

29. Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, Ed. Paz e Terra, 1970.

Bom pra eles e pra mim

“Estou gostando demais do CCCria. É bom pra eles, pra mim também. Eles aprendem muita coisa. Eles vêm correndo pra cá, eles gostam. No sábado, não falto de jeito nenhum. É bom; é divertido.”

Eliana de Jesus Souza, nascida na comunidade, três filhos, Daniel, 13 anos; Daniela, 7 anos; e Samira, 5 anos.

prios adultos, pais, mães ou professores, muitas vezes, ou não sabem ou não se reconhecem como tais?

No CCCria, *protagonismo* infantil não é sinônimo de ausência de regras e limites. Como diz Tânia Ramos Fortuna, coordenadora do Programa “Quem quer Brincar”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: “As crianças demandam atenção e cuidado por parte dos adultos, de quem esperam referências, orientação e limites. (...) Anseiam por estabelecer interações criativas através das quais possam ser estimuladas a crescer, sentindo-se amadas e protegidas. Mas, para isso, são necessários adultos nos quais possam se inspirar e confiar e que desejem transmitir valores e conhecimento. Enfim, são necessários adultos com quem possam compartilhar brincadeiras, aprendendo a brincar e aprendendo, através do ato de brincar, novas formas de vida”.

Esse é o segredo: é preciso criar as regras e os limites junto com as crianças. Assim, elas os respeitarão, quando brincarem, porque essas regras e limites, em vez de lhes serem impostos, foram construídos com sua participação ativa, em um processo no qual suas opiniões foram ouvidas, respeitadas, consideradas: um processo democrático, um aprendizado de cidadania.

Cidadania

Cidadania está ligada a *protagonismo*. Em uma comunidade cidadã, estimula-se a cooperação e respeita-se a própria capacidade

de produzir respostas para os problemas e desafios enfrentados, em vez de ficar passivamente esperando que outros as ofereçam.

Utiliza-se como referência o Estatuto da Criança e do Adolescente, que, em seu artigo 3º, afirma: “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis”.

O kit educativo “O Estatuto do Futuro”, produzido pelo CECIP, facilitou a discussão de como fazer esta Lei acontecer no cotidiano das práticas do CCCria.

Parceria

Aprendizagem e mudança – em níveis individual, grupal e comunitário – só podem acontecer quando há diálogo, conexão e parceria. No CCCria, estimula-se a cooperação e o diálogo entre crianças, entre essas e adultos e entre adultos e adultos. Isso se estende às organizações da comunidade, que devem dialogar e cooperar entre si, assim como entre essas e outras organizações da cidade e do país. Diálogo e parceria só podem ocorrer em uma relação de horizontalidade, de igualdade, ou seja, quando existe respeito e confiança mútuos entre os parceiros: isso os torna interdependentes, uma vez que ambos são autônomos, *protagonistas com igual poder*.

Brincadeira

Adultos não param de aprender e constataam que protagonismo infantil é possível

É através da brincadeira que a criança vai testar suas habilidades e competências, aprender regras de convivência, desenvolver as diversas formas de expressão e ampliar a visão do mundo que a cerca. A brincadeira tem um papel decisivo nas relações entre a criança e o adulto, entre as próprias crianças e entre a criança e o ambiente em que vive.

A criança que brinca, que é estimulada a se desenvolver de forma lúdica e tem prazer na aquisição de novos saberes, vive uma relação positiva e criativa com o seu processo de aprendizagem.

Isso acontece porque, quando uma criança brinca, ela entra em contato com suas fantasias, seus desejos, seus sentimentos, (re) conhece a força, os limites do próprio corpo e estabelece relações de confiança com outras crianças ou adultos. No ato de brincar, ela tem a oportunidade de experimentar as situações de forma diferente daquelas que sucedem na vida real. Isso contribui diretamente para a diminuição da exposição de crianças aos riscos sociais presentes.

É essencial recuperar e reconhecer, também, a capacidade de brincar dos adultos. Pessoas que continuam a brincar depois de adultas gostam de experimentar, perdem o medo de



errar e, principalmente, conseguem expressar-se com leveza, senso de humor e criatividade.

Como as crianças, os adultos que compõem a equipe do CCCria estão em permanente processo de aprendizagem, para poder expressar em suas práticas os valores que mencionamos aqui.

Seleção de facilitadores em mudanças educacionais

Os profissionais selecionados atuam como *facilitadores* dessas aprendizagens. Isto significa que eles devem ser capazes de estimular as crianças a construir o seu conhecimento, tendo como referência a cultura da brincadeira.

Esses profissionais não caíram do céu, prontos para atuar dessa maneira. O processo de seleção, descrito abaixo, começou com a divulgação na comunidade, pelo CEACA-VILA, da notícia de que estavam abertas as inscrições para educadores interessados em trabalhar no CCCria.

A seleção se realizou em três etapas:

- Na primeira, foram lidos os currículos dos educadores que se inscreveram, verificando se preenchiam um conjunto de critérios, entre eles o de pertencer à comunidade ou morar nos arredores. Os que passaram por esse primeiro teste foram chamados para entrevistas. Ao final

dessa etapa, vinte educadores foram selecionados.

- Na segunda etapa, foi organizado um curso de 236 horas, em 14 módulos, durante 3 meses, coordenado pela equipe de Educação Infantil do CECIP. Foi trabalhada a metodologia a ser adotada pelo CCCria e abordados temas como o desenvolvimento infantil, a importância da leitura e o conhecimento dos direitos de cidadania das crianças, entre outros.
- A seguir, cada candidato planejou e desenvolveu uma atividade prática com as crianças da Creche Patinho Feliz, o que permitiu à equipe fazer uma avaliação mais precisa do seu potencial.

O curso, incluindo a atividade prática, serviu para que se pudesse conhecer melhor os participantes e, ao final, ter elementos para selecionar oito educadores, uma coordenadora, uma secretária e duas pessoas para ministrar oficinas de música e de expressão corporal.

Na terceira etapa foi realizada uma capacitação específica para as doze pessoas selecionadas, voltada às atividades futuras do CCCria: literatura infantil, artes, cultura do brincar, música e visão crítica da programação da TV, entre outras. Como complemento, foi organizado um roteiro de visitas para observar a prática de profissionais experientes em brinquedotecas, salas de artes e bibliotecas especializadas em trabalhar com um público infantil.



Iniciadas as atividades do CCCria, fomos surpreendidos pelo surgimento de algumas questões que somente a prática cotidiana poderia revelar: uma educadora selecionada havia declarado residência próxima, mas na realidade morava a mais de uma hora de distância; com outras aconteceram coisas absolutamente fortuitas, como o fato de também terem sido aprovadas em concursos públicos e serem chamadas a ocupar seus novos postos. A constatação mais séria, entretanto, foi que, apesar de todos os cuidados que havíamos tomado, algumas pessoas selecionadas não eram capazes, na prática, de favorecer a autonomia e a criatividade das crianças.



Para preencher com outros profissionais as vagas agora abertas, os critérios do processo de seleção foram mudados. Desta vez, buscou-se identificar educadores que tivessem, antes de mais nada, um compromisso com a comunidade, que fossem capazes de integrar com as crianças e a equipe e, o mais importante, que se identificassem com uma metodologia em que a criança é sujeito ativo, acreditando que o *protagonismo* infantil é possível, também, em um contexto social como o do Morro dos Macacos.



A experiência demonstrou que competências e habilidades podem ser adquiridas e desenvolvidas a partir do esforço individual de cada pessoa, por meio de capacitações em serviço, acompanhamento das ações na prática, avaliação e apoio contínuos.

Desejo

“Os meninos estão mais soltos, até demais... Eles querem vir pra cá pela manhã e à tarde também.”

*Sandra Joaquim Lima,
mãe dos gêmeos Wudson
e Wesley, 7 anos.*

O processo de formação continuada no CCCria

Hoje, uma equipe de 14 profissionais dinamiza os espaços do CCCria, por onde passam diariamente cerca de 200 crianças, nos dois turnos, da manhã e da tarde. Este número é superior à meta de 160, estabelecida anteriormente.

As 40 crianças que ultrapassaram o número planejado não diminuem a qualidade do que lhes é proporcionado. Elas traduzem um esforço a mais da equipe para atender à grande demanda da comunidade. Hoje a equipe se compõe de uma coordenadora, uma secre-

tária e dois profissionais de serviços gerais em tempo integral. Além dessas pessoas, a equipe conta, em tempo parcial, com oito educadores culturais que atuam nas salas de artes, biblioteca, brinquedoteca e no espaço digital. O profissional de música trabalha com as crianças dois dias por semana, manhã e tarde e a professora de dança três dias inteiros por semana.

O trabalho de formação continuada e o aperfeiçoamento em serviço dos educadores culturais, conduzidos pela equipe de Educação Infantil do CECIP, têm como referência os princípios da Facilitação de Mudanças Educacionais.

O que é Facilitação de Mudanças Educacionais?

Trata-se de uma abordagem desenvolvida desde 1996 pelo CECIP, em cooperação com a instituição holandesa APS International – Centro Internacional de Aperfeiçoamento das Escolas.³⁰ Essa abordagem fundamenta-se nos conceitos do Socio-construtivismo Interacionista (Vigotsky, L.S. e Luria, A.R) e da Pedagogia como Prática da Liberdade (Paulo Freire).

Considera que mudanças em educação apenas ocorrem se as pessoas envolvidas tiverem a oportunidade de examinar seus modelos mentais, isto é, suas ideias, suas referências e conceitos a respeito dos aspectos a serem transformados; e se, em diálogo com os colegas, confrontarem esses antigos modelos com novos conceitos, construírem sua própria interpretação desses últimos e experimentarem colocá-los em prática, recebendo apoio e *feedback* (retorno) durante o processo de implementação.

30. www.apsinternational.nl

Princípios

Os principais fatores da mudança são as próprias pessoas. Elas estão no centro de todo processo de mudança.

É importante levar em consideração os sentimentos e necessidades das pessoas para que o processo de mudança seja bem-sucedido.

A base de todo processo de mudança é o diálogo e a reflexão sobre o que se faz.

O processo de mudança não é uma linha reta, que começa aqui e termina lá no fim, como uma viagem sem escalas. Ele se parece mais com um caminho, que tem várias entradas e atalhos, por onde a gente pode começar a andar, encurtar o percurso ou alongá-lo, dependendo das circunstâncias, mas chegando até aquele objetivo.

Mudanças levam tempo. Não é em um passe de mágica que as pessoas mudam. A mudança não é um evento, ela é um processo, que leva algum tempo e exige que as coisas sejam feitas por pessoas que se comprometem em fazê-las acontecer, enfrentando e superando as dificuldades que sempre existirão no caminho.

Todo este processo precisa ser cuidadosamente planejado, para que seja possível caminhar com segurança no rumo desejado, fazendo ajustes sempre que necessários.

Dentre as atividades realizadas regularmente estão os encontros mensais de grupos de

estudo, as reuniões de acompanhamento, as visitas às salas para observação da ação dos educadores e das próprias crianças e o registro diário de aprendizagens. Estas ações possibilitam a reflexão sobre a prática e a devolução dos resultados aos educadores.

A principal mudança que se pretende conseguir é a transformação das concepções e da prática dos educadores que favoreçam a autonomia, em vez de serem marcadas, como antes, por uma formação pedagógica onde era estimulada a dependência. Só educadores capazes de tornar-se *protagonistas* de sua própria aprendizagem profissional podem, por sua vez, organizar situações de aprendizagem que estimulem o *protagonismo* das crianças.

Encontros mensais

Na última segunda-feira de cada mês são realizados encontros, que duram quatro horas, com todos os educadores do CCCria, para estudo e acompanhamento das práticas.

A equipe do CECIP age como facilitadora ou mediadora de mudanças, motivando os educadores a descobrir novas formas de sentir, ver, pensar e agir. Eles participam das reflexões sobre sua atuação profissional. Nessas reuniões o grupo tem a possibilidade de manifestar suas inquietações. Dos questionamentos sobre as práticas habituais nasce uma nova prática, que se expressa em novas formas de agir diante de situações rotineiras.

Caminho do bem

“Na minha opinião o CCCria é legal porque tem melhora na mente das crianças. As crianças estão indo porque lá elas têm algo para se divertir, para não seguirem o caminho do mal. Já vejo mudanças. Antes elas quase não se preocupavam com nada. Agora minha filha me lembra, me chamando pra vir pra cá.”

Marcio Alves, nascido na comunidade, pai de Aline Teixeira, 9 anos e Jean Victor, 6 anos.

Chora pra vir

“Este projeto ocupa o Maicon, é bom pra criança. Ele fala muito daqui. Por ele, ele viria aqui de manhã e de tarde. Quando ele não tem aula eu venho pedir pra ele ficar aqui. Ele chora pra vir, quer vir direto no mês de férias. Eu tive que trazer ele pra ouvir a Iara (secretária do CCCria) dizer que não pode, pois ele dizia que eu que não queria trazer. Aí a Iara (aquela magrinha) falou pra ele acreditar.”

Ana Maria Lino, avó, e Micheley Lino de Almeida, mãe de Maicon Vinicius, oito anos.

31. “Avaliação e planejamento – a prática educativa em questão.” Série Seminários Espaço Pedagógico, 1997, p. 58, Ed. Espaço pedagógico.

Para implementar uma mudança é preciso ser capaz de reexaminar valores e crenças, mexer em “verdades absolutas”, questionar paradigmas, enfim, não ter medo de colocar em dúvida as próprias certezas, tomando coragem de conhecer o novo e experimentá-lo. A construção, junto com os demais, de novas propostas é a base da facilitação de mudanças educacionais.

Os educadores culturais do CCCria aprenderam a levar em consideração e respeitar o ponto de vista das crianças: suas experiências, suas palavras, seus sentimentos, seus gestos, suas ideias. No CCCria as crianças têm tempo e espaço para brincar livremente, estar com outras crianças e expressar suas ideias sem medo.

Acompanhamento das práticas

“Acompanhar, na concepção democrática de educação, não é assistir, cobrar, mas sim, interferir; questionar; problematizar; germinando mudanças. Acompanhar significa também buscar cotidianamente sintonia entre objetivos e ação. Sintonia entre teoria e prática.” Madalena Freire.³¹

A formação inicial é apenas uma etapa na formação de educadores. A prática complementa essa formação e lhe dá consistência real.

Ao experimentar com as crianças as aprendizagens construídas nos grupos de estudo, e depois, ao ter a oportunidade de refletir so-

bre o que fizeram, sobre os resultados esperados e os não esperados, os educadores têm a oportunidade de se apropriar de fato do seu aprendizado.

Como diz uma educadora cultural: “Isso é muito difícil, pois tudo o que aprendi antes foi como *ensinar* as crianças a *fazer* alguma coisa”. Atitudes menos diretivas, que favoreçam a autonomia e a criatividade da criança, devem ser desenvolvidas a partir destas discussões. A equipe do CECIP procura identificar os “nós” que se revelam em algumas ações do cotidiano desses educadores, para ver, junto com eles, como desatá-los.

Observação e diário de bordo

Semanalmente as crianças e os educadores são observados pela equipe do CECIP. Ao final de cada período (manhã e tarde) os educadores registram em um caderno a dinâmica do funcionamento da sala: o planejado, o acontecido e as interações das crianças com os materiais, das crianças entre elas mesmas e delas com os adultos.

O registro das observações pareceu difícil de se fazer, no princípio, mas, pouco a pouco, vai se tornando mais ágil e objetivo com a prática.

Em cada grupo, em cada ambiente, brotam novas questões sobre as quais as especialistas do CECIP e os educadores culturais se debruçam para construir novos planejamentos.

Fazendo diferença entre *dirigir e orientar* o processo criativo das crianças: exemplo de uma reunião de acompanhamento

POR MARIA LUCIA LARA

O primeiro encontro de acompanhamento teve como objetivo possibilitar aos educadores perceber quais as diferenças entre *dirigir e orientar* o processo de criação das crianças, por meio de uma atividade simples, como a de confeccionar um bloco de anotações.

Dividimos os educadores em três grupos:

- O primeiro recebeu instruções detalhadas, especificando-se medidas, formato e ilustrações.
- O segundo recebeu apenas a instrução de confeccionar um bloco.
- O terceiro grupo recebeu a recomendação de utilizar um determinado tipo de material (jornal) na capa.

Isto é, propusemos três formas distintas de intervir no processo criati-

vo. Em um certo momento, um dos educadores disse que estava completamente perdido: “Não sei por onde começar”. Mais adiante, por meio da estratégia que usamos, conseguiu identificar a diferença entre *orientar e decidir pela criança*, entre *apresentar uma proposta* em vez de *interferir* no processo criativo.

Ao vivenciarem essas situações e dialogarem sobre o processo e os resultados de cada uma, os educadores experimentaram e entenderam o impacto provocado nas crianças pelas diferentes maneiras de encaminhar uma proposta de atividade. Eles puderam, então, comparar as relações entre o que *praticaram* durante as capacitações, o que *leram* a respeito do desenvolvimento das crianças, com o que de fato haviam *realizado* na prática.

Palavras de educadores que gostam de aprender

No CCCria os adultos não só aprendem uns com os outros, aprendem também com as crianças. Elas fazem com que “os grandes” reflitam sobre suas atitudes. Há sempre, na própria equipe de educadores, os que ajudam a rever posições e a encontrar soluções mais adequadas. Todos – crianças e adultos – experimentam, errando e aprendendo a corrigir os próprios erros. Isso resulta em um crescimento qualitativo e em uma nova compreensão a respeito do que fazemos.

Interação

“Os grupos de estudo são um suporte para o meu trabalho. Nesses encontros, me autoavaliao. A partir do grupo de estudos sobre a interação entre as salas, me senti motivada a integrar as ações da biblioteca com os outros ambientes. Depois desse encontro, eu planejei várias atividades levando as crianças a perceberem e aproveitarem esse intercâmbio. Certo dia eu estava contando a história ‘Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz’, e um menino disse que também queria desenhar sobre o que o deixava feliz. Logo, outras crianças quiseram imitá-lo e eu sugeri que utilizassem os recursos da sala de artes que é vizinha à minha. Eu não teria acolhido e encaminhado desta forma o desejo expresso pela criança se não tivesse sido sensibilizada naquele grupo de estu-

dos, onde vivenciamos ações integradas aos diferentes espaços”.

Nahra Araújo, professora, estudante de pedagogia, responsável pela biblioteca.

Convivência

“O grupo de estudos que mais me instigou foi aquele em que se discutiu o modo como colocar limites e a relação destes com o protagonismo infantil (ações educativas x ações punitivas). Gostei muito do texto que lemos, escrito pelo professor Yves de La Taille.³²

Quando fiz o curso de magistério aprendi que se punia a criança, mandando que ficasse sentada para pensar, caso ela estivesse em desacordo com as normas de convivência. E se essa atitude não fosse suficiente para conter seus impulsos, uma outra autoridade da escola era chamada para conversar com a criança.

Nunca soube se a criança ficava realmente ‘pensando’. E se pensasse, em que pensaria? Certamente não seria sobre o motivo que a levou a ocupar aquela cadeira. Nesse grupo de estudos, aprendi que o ideal é mobilizar as crianças para resolverem as situações através do diálogo, em grupo”.

Etienne Silva, professora, responsável pela brinquedoteca.

Alternativas

“Nos acompanhamentos do dia a dia tenho aprendido como orientar as crianças a utilizarem os materiais disponíveis na sala de

32. Yves de La Taille, *Limites: três dimensões educacionais*, Ed. Ática, 2000.

artes. Aproveito esses momentos para solicitar apoio na elaboração dos planejamentos. Ter um produto definido, padrão de referência para que todos copiem seguindo passo a passo, era o modelo de ensino das artes plásticas ao qual estava acostumada. (...) No grupo de estudos no qual vivenciei a necessidade de criar com materiais alternativos (pela ausência proposital de outros), foi onde pude perceber e refletir sobre outros pontos de vista do processo de criação”.

Dayse Oliveira – educadora, responsável pela sala de artes.



Troca

“Por meio dos grupos de estudos, melhoro a cada dia o meu trabalho junto às crianças, aprendo muito, não só sobre as questões que envolvem o espaço digital, mas também sobre tantas outras questões. Sinto que há cada vez mais união da equipe.

Quanto aos acompanhamentos, no começo me dava uma sensação estranha: pensava comigo mesmo, “será que estão me olhando? Como me veem?”

Depois fiquei mais animado: percebi que a equipe do CECIP vinha para nos apoiar e até fazer atividades com as crianças. Fui ficando cada vez mais confiante e à vontade, quando descobri que a função dos acompanhamentos é a troca de experiências”.

Wellington Ribeiro – educador, responsável pelo espaço digital.

Escuta

“Os acompanhamentos fazem com que eu me sinta desafiada, me fazem ter mais responsabilidade, me dão um norte. Não me ‘sinto solta’: tenho com quem trocar a respeito das situações do dia a dia, a quem mostrar o que estou produzindo. Tenho quem me faz crescer, valorizando, apreciando e criticando o meu trabalho. Tudo isso aumenta o meu desejo de fazer melhor.

Em um dos grupos de estudo, eu pude expressar minha opinião a respeito do primeiro encontro com as famílias das crianças que frequentam o CCCria. Era tanta a minha expectativa sobre esse encontro com as famílias, e eu queria externar todos os meus sentimentos. Fiquei emocionada por ser ouvida. Eu nunca tinha sido ouvida desse modo”.

Cleide Fortunato – professora, pedagoga, responsável pela biblioteca.

Aqui se Aprende

“É a primeira vez, gostei. A informática, as crianças chegam comentando... As crianças ficam uma parte no colégio e a outra parte no Centro. É uma ocupação. Dentro de casa é só TV, aqui aprende.”

Maria Luiza da Silva, avó, e Alexandre da Silva Carlos, pai de Ana, sete anos e Natacha, nove anos.

Chega em casa feliz

“É muito bom o Centro. Ela chega em casa feliz, conta o que fez, diz que as tias são boas, que tem espaço pra brincar. Ela é dispersa na escola e agora ela até que melhorou, ela mudou a concentração. Pega livro na escola, devolve e pega outro. Esse ano só tem elogio na escola. Só pode ser daqui. Inclusive tenho freguesa que eu faço unha, vou pedir coisas pra trazer pra cá, de doação.”

Ana Maria dos Santos
Fernandes, mãe de Ester
dos Santos Fernandes,
10 anos.

Corpo

“O que mais me chamou atenção nesses grupos de estudos em que participei foram as atividades corporais. Eu nunca tinha participado de atividades como essas, só quando era criança me senti assim. Melhorou muito a minha timidez.

Quanto aos acompanhamentos, gosto quando vêm ver o que as crianças estão aprendendo. Fico feliz quando elas é que ensinam, parece que elas é que são ‘as professoras’. Me sinto parte do grupo”.

Bruno Fernandez – educador, responsável pelo espaço digital.

Cooperação

“Todos disponibilizam ideias, dicas, saberes uns para os outros, enriquecendo o planejamento dos diferentes ambientes. E percebemos uma unidade entre todos.

Vejo cada vez mais a nossa equipe entrosada, uns cooperando com os outros. Nos ‘Sábados Divertidos’ (encontro com as famílias) todos ajudam a todos, todos torcem por todos, planejamos juntos e damos ideias uns para os outros”.

Luana Ramos – professora, pedagoga, responsável pela brinquedoteca.

Autonomia

“Comecei a dar mais independência para as crianças e descobri que realmente elas são capazes. Antes elas pediam para eu dese-

nhar tudo para elas, colar, dobrar, calçar ou pegar os materiais e eu fazia tudo. Ficava às vezes exausta e até irritada.

Agora, quando as crianças me procuram para desenhar algo para elas, eu as encorajo e estímulo de diferentes maneiras a fazerem seus próprios desenhos.

O grupo de estudos que mais me desafiou e fez mudar minha prática foi aquele em que eu aprendi a criar com os materiais disponíveis. Não podia usar nem tesoura, nem cola quente.

E pensar que tudo isso eu usava com as crianças, fazendo por elas. Nesse dia ‘caí na real’. Coloquei-me no lugar das crianças e aí o produto de minha criação não saiu ‘perfeito’ como havia idealizado. Aprendi a usar outros recursos, a puxar pela ideia, a buscar soluções alternativas com o grupo. E principalmente a encaminhar as propostas para as crianças.

O maior aprendizado foi me colocar no lugar da criança e aprender o valor da autonomia para resolver problemas e ter a capacidade de buscar solução.

Essa metodologia não é mole não, não é nada fácil, são muitas formas novas de pensar e de fazer. Eu conheci a arte de um outro jeito.

Mas hoje me sinto estimulada, me sinto importante porque sou percebida, olhada, valorizada no meu trabalho”.

Lucimar Caetano – artista plástica, desde os 15 anos engajada em trabalhos comunitários no Morro dos Macacos, responsável pela sala de artes.

O processo de interação com as famílias

Na última semana de cada mês, uma faixa é colocada na entrada do CCCria com uma ilustração feita por uma criança, anunciando a toda a comunidade o Sábado Divertido.

Esse encontro mensal dos educadores do CCCria com as famílias, acompanhadas de suas crianças, tem o objetivo de fortalecer os vínculos afetivos entre a equipe do Centro e a comunidade, estimular a autoestima das crianças através da interação entre elas e seus familiares e divulgar as ações realizadas.

No “Sábado Divertido”, os familiares têm a oportunidade de conhecer e vivenciar os espaços do CCCria, guiados por seus filhos. É sempre um momento de alegria, quando um pai ou uma mãe descobre o que seu filho ou filha já são capazes de fazer e de lhes ensinar.

A cada mês, o foco se volta para um dos ambientes do Centro (biblioteca, brinquedoteca, sala de artes, sala de música, sala de informática...). Os educadores responsáveis planejam e organizam atividades para ser desenvolvidas com as crianças e seus familiares.

Famílias, crianças e educadores divertem-se e aprendem na convivência

As famílias vão chegando curiosas, na expectativa das surpresas que as esperam.

Inicialmente, todos se reúnem no pátio para as boas-vindas e assistirem a apresentações das crianças, que podem ser uma dramatização, malabarismos ou danças. No momento seguinte as crianças conduzem mães e pais para os diferentes ambientes onde se divertem juntos. Ao término da manhã, há uma confraternização em torno de uma mesa cuidadosamente preparada com quitutes saborosos.

Sábado Divertido

No próximo Sábado, a partir das 9 horas a equipe do CCCria espera pelas famílias.



Nos primeiros meses a frequência não foi muito expressiva, mas ela vem crescendo, a cada encontro, pela divulgação “boca a boca” e pelo aumento do interesse em saber por que as crianças gostam tanto do CCCria. Esses sábados passaram a ser esperados com alegria, tanto pelas crianças quanto pelas famílias e pelos educadores.



10

UM DIA NO CENTRO CULTURAL DA CRIANÇA:

espaços e tempos para escolher,
brincar e desenvolver-se

*“ ... Deve ter alamedas verdes
A cidade dos meus amores
E, quem dera, os moradores
E o prefeito e os varredores
E os pintores e os vendedores
As senhoras e os senhores
E os guardas e os inspetores
Fossem somente crianças”.³³*



No CCCria, as crianças são as senhoras do castelo. Elas têm direito de escolha. Isso não quer dizer que o Centro Cultural da Criança seja uma anarquia. Trata-se de uma organização onde se confia nas crianças e nos adultos e onde crianças e adultos confiam uns nos outros. No CCCria, as

regras surgem das necessidades de todos, e são compreendidas e integradas às ações de forma espontânea.

Como funciona esse Centro, onde organização e disciplina estão a serviço da autonomia e da aprendizagem?

33. Enriquez-Bardotti, versão de Chico Buarque de Holanda, “A cidade ideal” in: *Chico Buarque, Letra e Música*, Companhia das Letras, 2004.

Das cerca de 200 vagas do Centro, hoje disponíveis às crianças do Morro dos Macacos, 180 são para as inscritas – que frequentam o local diariamente – e 20 para visitantes. As crianças visitantes são as que frequentam esporadicamente o CCCria ou estão aguardando uma vaga.

No turno da manhã, as 20 vagas dos visitantes pertencem às crianças de 2 a 4 anos da creche Patinho Feliz. Elas frequentam os espaços do Centro acompanhadas por suas professoras, que dessa forma podem continuar se aperfeiçoando em novas abordagens de Educação Infantil.

Já na inscrição, direito de escolha

Na ocasião da inscrição o responsável é entrevistado. Um questionário permite à coordenação do Centro conhecer melhor as características e necessidades das famílias.

O adulto presente é levado para dar uma volta para conhecer o Centro, durante a qual suas regras lhe são apresentadas. A primeira é o respeito à opinião da criança. Ela só virá ao CCCria se quiser – ela não pode e não deve ser obrigada.

“Amanhã eu volto!”

Um menino de 9 anos foi inscrito pela mãe. Chegou ao Centro de cabeça baixa, visivelmente contrariado, resmungando que não queria ficar. A mãe insistiu, ralhou com ele e foi embora, deixando-o ali. Ele não quis sair da secretaria. Ficou ali, emburrado, sentado numa cadeira e, apesar de muita conversa com várias educadoras, não se mexeu do lugar.

Diante dessa situação, telefonamos para a mãe, para que viesse buscá-lo. Quando ela chegou, nós conversamos com ela, na frente da criança, a respeito do que o Centro oferecia e sobre o prazer que as crianças sentiam em estar num lugar como este. Dissemos que tínhamos certeza de que ele viria um outro dia e pedimos à mãe que não brigasse com o menino por ele ter se recusado a ficar.

Na hora de sair, ele olhou para os lados e sussurrou baixinho para a coordenadora: “- Amanhã eu volto.”

Dito e feito: voltou mesmo. A partir daí, essa criança não perdeu um dia sequer de CCCria. Participa de todas as atividades e apresentações.

O que aconteceu? É que ela pôde fazer sua própria escolha, baseada em informações que recebeu, que julgou com independência e das quais tirou as próprias conclusões. Foi respeitada no seu direito fundamental de decidir livremente.

Normas de convivência acordadas em assembleia

Uma das práticas do CCCria é a assembleia em que participam crianças e adultos, onde todos podem expressar-se, ouvindo, concordando ou discordando, criticando ou aplaudindo.

Nas primeiras assembleias, educadores e crianças conversaram sobre o que elas estavam achando do Centro e sobre algumas normas que precisavam ser combinadas, desde uso do banheiro (jogar o papel no cesto, dar sempre a descarga, após o uso, etc.), até os “códigos” usados para entrar e sair de cada sala de atividades (Veja ao lado “Plaquinhas coloridas”). Os desejos e as reivindicações das crianças foram apresentados, ouvidos e levados em consideração, como não podia deixar de ser.

Quando esses encontros começaram a virar rotina, o interesse das crianças foi diminuindo. Antes que as assembleias se transformassem em um ritual sem sentido, a coordenação do CCCria propôs que só fossem realizadas se todo o grupo – crianças e adultos – sentisse necessidade de decidir sobre alguma coisa que todos considerassem importante.³⁴ Veremos, mais adiante, um bom exemplo desse interesse comum.

Organização voltada à autonomia

Para estimular as crianças a exercitar sua capacidade de decidir com autonomia, criou-se um sistema que permite que elas entrem e saiam livremente das salas do Centro, sem a intervenção do adulto. Elas têm controle sobre seu tempo. Decidem quando chegar e sair dos espaços, de acordo com o tempo da criação em que estão envolvidas, ou de acordo com o seu interesse.

Plaquinhas coloridas

Todas as portas das salas têm uma “janela” de vidro, que permite a crianças e adultos verem o que está acontecendo lá dentro. Nessas portas foram afixados, na altura das crianças, quadros revestidos de fórmica branca, com ganchos onde ficam penduradas plaquinhas coloridas, em número correspondente ao de vagas de cada sala. As crianças as apelidaram de “vaguinhas.” Na sala de informática, por exemplo, há doze “vaguinhas”, porque possui seis monitores e comporta duas crianças por monitor, não mais.

Ao chegar ao Centro, a criança, depois de pegar seu crachá (que fica em um mural na Secretaria, bem na entrada), escolhe a sala em que quer brincar. Pela “janela” de vidro ela pode ver o que está acontecendo lá dentro. Se estiver interessada, ela pega uma “vaguinha” e entra, colocando-a numa caixa, no interior da sala.

Sempre peço para vir

“Eu sempre peço à minha mãe para vir no Centro. Gosto de brincar com meus amigos, de ir na brinquedoteca e na sala do vídeo. Antes eu ficava na laje soltando pipa e na minha casa não tenho brinquedos.”

Daniel Veiga da Cruz
Santos – 7 anos,
Escola Municipal Noel
Rosa – 1ª série

34. Este exemplo mostra que, se uma estratégia deixa de ter apelo para as crianças, ainda que os adultos a considerem importante, é preciso mudá-la ou abandoná-la. Existem diversas formas de se atingir o mesmo objetivo.

Jogos e livros

“No centro eu brinco de jogo de montar e de jogo da memória e também gosto de ler livro. Gostei do Pan e das brincadeiras do Pan Cultural.”

Alan Rocha Urbano, 6 anos.

Gosto de comida e de brincar

“Eu gosto de comida, de Danone e biscoito e de brincar de mãe e filha com a Raiane e a Daniela.”

Samira de Jesus, 5 anos.



Ela fica o tempo que quiser neste espaço. Ao sair, recoloca a plaquinha no quadro. Se uma criança chega e não há plaquinhas no quadro, é sinal de que todas as vagas estão ocupadas. Ela então vai procurar uma outra sala para brincar, onde ainda haja plaquinhas.

As regras de uso das plaquinhas foram imediatamente aceitas, quando explicadas na assembleia das crianças. A informação passou de boca em boca, e hoje as próprias crianças inscritas se encarregam de informar às que visitam o Centro pela primeira vez, como funciona “o código das plaquinhas”.

Há uma única exceção: a sala de informática, que tem horários fixos. Isso não acontece apenas porque a linguagem exige um aprendizado específico, com necessidade de orientações preliminares no início da atividade, o que seria prejudicado pelo entra e sai que acontece nas outras salas. Os horários foram estabelecidos em assembleia, depois de uma intensa discussão, como veremos a seguir:

O mistério das plaquinhas desaparecidas

Tudo corria às mil maravilhas, em relação às plaquinhas coloridas. Cada sala tinha sua cor; a regra do jogo era respeitada pelas crianças, para quem o sistema era perfeitamente claro: tem “vaguinha”? Pega a plaquinha e entra. Não tem “vaguinha”? Espera, ou tenta chegar mais cedo, da próxima vez. Quando contávamos a visitantes como funcionava o sistema, as reações sempre eram “Ohs!” de admiração.

Aconteceu que, a uma certa altura, os responsáveis pelo espaço Pequeno Cidadão Digital começaram a perceber que ao final do dia estavam faltando plaquinhas. Procura daqui, pergunta dali, presta mais atenção... e o mistério foi desvendado: algumas crianças, ao sair, levavam consigo as plaquinhas, para, espertamente, garantir sua vaga no dia seguinte...

Em vez de sermões, punições e baixar regras mais rígidas – exercendo toda a autoridade de responsáveis adultos – o que decidimos fazer foi convocar uma assembleia com todas as crianças. Nesse momento, foi apresentado o problema e feito o desafio: “como vamos resolver essa questão?”. Houve uma viva discussão, durante a qual todos os argumentos foram apresentados, ouvidos e intensamente debatidos, antes que as crianças chegassem a uma conclusão. Foram ouvidos os que achavam que “não era legal” levar as plaquinhas para casa, porque isso prejudica-

va todos os demais. Mas também foram ouvidos argumentos dos que lembravam que as crianças que conseguiam chegar primeiro ficavam brincando com os computadores durante todo o período, sem abrir vaga para mais ninguém. Isso também não era legal. O que fazer, então? Como chegar a uma decisão justa? As propostas foram sendo apresentadas, cada uma acrescentando ou aperfeiçoando um detalhe da anterior, até que, finalmente, se chegou a um consenso: era preciso estabelecer horários fixos para limitar o tempo de uso dos computadores, de modo que mais crianças pudessem ter acesso e brincar com eles.

Desnecessário dizer que a decisão tomada e os horários decididos pela assembleia para uso dos computadores estão sendo criteriosamente respeitados por todos, desde então.

Outra forma de atuação das crianças foi uma surpresa, mas uma surpresa muito agradável: As crianças menores, que não estavam conseguindo pegar uma "vaguinha" na sala de informática antes das maiores, usaram a estratégia de fazer um abaixo-assinado pedindo um horário exclusivo para os menores. Elas mesmas tomaram a iniciativa de colher as assinaturas e entregar sua reivindicação à direção do CCCria. A direção, prazerosamente, organizou novos horários levando em consideração as reivindicações dos pequenos.

O diálogo, a liberdade de expressão, o estímulo à participação e o respeito ao direito de cada um opinar, de acordo com o que pensa, fazem parte do processo de amadurecimento das crianças, que, dessa maneira, praticam e se exercitam como cidadãos capazes de ouvir outras opiniões e decidir democraticamente o que é melhor para elas.

Espaços onde se aprende brincando e se brinca aprendendo

No CCCria as crianças são convidadas a expressar-se não apenas com palavras, mas também com outras linguagens, como a dança, a música, o teatro, as artes plásticas e mesmo a brincadeira e a pura fantasia.

Crianças que os pais consideravam ser desatentas ou agressivas começam a mostrar um outro lado, cada vez mais dominante: concentram-se, prestam atenção, demonstram que têm ótima memória, conseguem trabalhar em grupo. De acordo com depoimentos dos familiares, isso acaba influenciando positivamente a vida em família e o rendimento escolar.

BIBLIOTECA

A biblioteca é um tesouro a ser descoberto. Cabe aos adultos criar as condições para que a criança descubra o prazer da leitura. Como diz Ana Maria Machado, sobre a coleção Mico Maneco, criada em parceria com Claudius: “*Já escrevi uma porção de livros, mas poucos me têm dado tanta emoção como os dessa série Mico Maneco: para tantas crianças, o primeiro livro lido na vida. Uma espécie de chave mágica para toda a literatura, todas as leituras futuras, todos os livros do mundo! Vocês nem podem imaginar como isso esquenta dentro do peito!...*”.

Tem teatro, estou dentro!

“Foi a minha vizinha Aline que falou para mim que o Centro Cultural era bom. E eu falei para minha mãe que queria vir e meu pai veio e me matriculou. Quando cheguei em casa eu falei para minha mãe: “Sabia que é verdade? Lá é muito bom mesmo. Eu gostei muito, mãe, e vou ficar lá. Lá tem informática, tem sala de artes, biblioteca, aula com o professor Rafael e a gente aprende muitas coisas”. Gosto da biblioteca porque gosto da tia Nahra e gosto de ler livros. Já li *Menina Bonita do Laço de Fita*. Eu fiz teatro com ele aqui e lá na creche também e todo mundo gostou. E meu sonho preferido é fazer teatro. Se me chamam para teatro, eu tô dentro. Quando chegar a hora de eu sair do Centro, eu vou chorar e ficar muito triste.”

Marcela P. Monteiro, 11 anos.

Eu trouxe muita gente pra cá

“Eu fiquei sabendo do Centro quando meus primos vieram. Todos os meus primos estão aqui. Quando meu irmão fez 5 anos, eu também trouxe ele. Eu trouxe muita gente para cá. Fiquei falando para todo mundo que achei aqui muito legal. Gosto de fazer as atividades que o ‘tio’ da dança me ensina e de desenhar. Na brinquedoteca gosto de brincar com o ‘jogo de achar’ os pares. Foi muito bom dançar no circo com o Rafael, a bateria que teve à tarde e quando vi a Bárbara tocar.”

Caio Henrique de Oliveira,
10 anos.

Além dos 20 livros da Coleção Mico Maneco, são mais de 500 livros, catalogados por assunto, expresso em cores. Há um computador conectado à Internet, para as crianças realizarem pesquisas. Há fantoches e boca de cena para o teatrinho. Há um cantinho com almofadas, para as crianças se juntarem na hora de ouvir uma história contada pela bibliotecária. Há mesinhas e cadeiras, em escala apropriada, para as que mergulham embevecidas na leitura de um livro.



O espaço é dinamizado por duas educadoras, que levam em consideração que estão interagindo com uma comunidade não leitora, conscientes de que o desafio é muito grande.

No início, a biblioteca era um espaço pouco “escolhido” pelas crianças. Para mudar esse

quadro, as educadoras criaram várias estratégias de incentivo à leitura. Após poucos meses de funcionamento, conseguiram formar um grupo de leitores assíduos, que disputam lugar na biblioteca, eleita como seu lugar preferido.

As crianças gostam muito de contar e ouvir histórias. O acesso a livros novos e bonitos estimula crianças de 4 e 5 anos a aprender a ler: muitas vezes, vê-se uma delas escolher um livro na estante, sentar-se, colocar o livro em cima da mesa e, com o dedinho, “ler” palavras e frases em voz alta, do jeito dela, observando as gravuras, absolutamente concentrada no que está inventando.

BRINQUEDOTECA

A brinquedoteca é uma festa só! Nela existem condições para que as crianças brinquem à vontade. É estimulada a interação entre crianças de diferentes faixas etárias, ensinam-se novos jogos e brincadeiras folclóricas, estimulando atividades artísticas em que a criatividade das crianças se expresse. Usando os brinquedos disponíveis, as crianças recriam cenas do cotidiano, sob o olhar atencioso das educadoras. No Carnaval, por exemplo, elas criaram um sambódromo, construído com peças de um jogo de armar. O samba da Escola de Samba de Vila Isabel era cantado pelos construtores, enquanto os “carros alegóricos” cruzavam lentamente a “passarela” do samba. Muitas crianças vivem ali sua primeira expe-

riência de festa de aniversário. Os adultos são convidados para a comemoração e encontram “convidados” elegantemente fantasiados, oferecendo, em meio a muita alegria, docinhos, quitutes e bolos – todos de “faz-de-conta”, feitos com sucata ou massinha. O acervo foi iniciado com a doação da brinquedoteca Hapi da Professora Cristina Porto e progressivamente renovado por amigos do CCCria.



VIDEOTECA

A videoteca dá acesso à linguagem audiovisual, onipresente na sociedade moderna, que se expressa principalmente através de imagens. O acervo possui obras em DVD, doadas pela Rede Brasil, pelo Canal Futura, pelo CECIP e por amigos do CCCria.

O contato das crianças com produtos de qualidade é complementado por conversas sobre

o que acabam de assistir, de modo a estimular sua capacidade de percepção, sua imaginação e sua criatividade. Assim, a criança tem a oportunidade de se divertir e ao mesmo tempo aprender a ver, a observar, a exercitar um olhar crítico e a manifestar-se pelo desenho, pela pintura e escultura, pela música e por diversas formas de expressão teatral e musical, estimulada pelo que acaba de assistir. A sala é também utilizada pelos educadores para trabalharem com as crianças de forma complementar às atividades desenvolvidas nos outros espaços.

ARTES

Na sala de artes, as educadoras colocam à disposição das crianças uma variedade de instrumentos e de técnicas novas, com massinha, tinta, lápis de cera coloridos, argila, revistas e jornais velhos, além de muita



Queria conhecer

“Foi o meu primo Caio que me falou do Centro e aí eu falei com minha mãe que queria conhecer. Eu nem sabia que aqui tinha ‘curso.’ Gosto da sala da brinquedoteca e de jogar dama. Gosto do futebol. Sou da equipe vermelha. Quando tiver de sair vou sentir muita saudade.”

*Mateus dos Santos Silva,
10 anos.*

Rosquinha e futebol, filme e dança

“Gosto de danone, de rosquinha de coco e de chocolate. Gosto de brincar com o Lucas, de futebol e de pular corda e também gosto de ver filme e ensaiar com ‘tio’ Rafael. Ele é quem me ensina a dançar.”

Maicon Vinícius de Almeida Paiva, 5 anos.

Pular, jogar, brincar

“Gosto de pular corda, de jogar queimado e de brincar com a Raiane.”

Daniela de Jesus de Souza, 7 anos.

sucata que vira brinquedos interessantes. O lixo que não é lixo é transformado pela imaginação e o trabalho das crianças em bonecas, cestinhas, casinhas, carrinhos e uma infinidade de outras criações. Como “câmeras de vídeo” feitas de caixas de sabão em pó e “microfones” feitos com rolos de papel toalha, “jornalistas” e “cinegrafistas mirins” entrevistam e filmam visitantes, adultos ou crianças, querendo saber suas impressões sobre o CCCria e o que eles podem fazer para ajudar a melhorar ainda mais o que já existe.

As educadoras prepararam um cantinho para “os pequenos grandes pintores” e a cada quinze dias, com o suporte do vídeo ou do espaço digital, um pintor conhecido é apresentado às crianças. Pinturas de Miró, Klee, Matisse, Picasso ou Calder, além de outras, de nossos Roberto Magalhães, Rubens Gerchman, Fayga Ostrower ou Portinari, são imediatamente apreendidas pelas crianças, que as sentem muito próximas de sua própria capacidade de expressão. Com isso, elas são estimuladas a traduzir plasticamente esse seu deslumbramento. Sem o CCCria, essas crianças dificilmente teriam acesso a essas expressões artísticas, que lhes abrem janelas à imaginação.

INFORMÁTICA: A SALA DO PEQUENO CIDADÃO DIGITAL

Desde o início, esta sala bateu recordes de frequência. O interesse é tamanho que, como contamos, algumas fichinhas eram levadas para casa, a fim de assegurar a vaga do dia seguinte!



Nesta sala, as sessões começam com uma rodinha, em que cada criança comenta o seu dia. Depois dessas histórias são dadas as orientações para as atividades. Cada computador é operado por duas crianças, que se revezam no comando do *mouse*. Os programas utilizados, disponibilizados pela Futurekids, incluem *Office* para crianças, *softwares* de desenho e jogos eletrônicos educativos, adequados para a faixa etária.

No “Sábado Divertido” as crianças apresentam essa nova linguagem às mães e aos pais mais corajosos, enquanto outros familiares ainda se sentem intimidados em entrar na sala. Pouco a pouco, mesmo os mais arredios percebem que a tecnologia não é um bicho de sete cabeças e, estimulados pelo exemplo dos outros adultos, que se entusiasmam com a descoberta de um novo universo, vão se apropriando das ferramentas e perdendo o medo inicial. A Futurekids, avaliando os resultados de um ano de trabalho, decidiu renovar o apoio ao CCCria e duplicar o número de máquinas da sala do Pequeno Cidadão Digital. Assim, a partir do final de 2008, vinte e

quatro “pequenos cidadãos digitais” poderão brincar ao mesmo tempo, no novo espaço, aumentado para abrigar toda essa garotada.

MÚSICA

A música, em especial a percussão, está tradicionalmente presente no Morro dos Macacos. Participar em escolas de samba faz parte da cultura de crianças e adultos. Algumas das crianças do CCCria pertencem à Escola de Samba “Herdeiros da Vila” que desfila no Sambódromo durante o carnaval. A sala de música tem fiéis frequentadores, que formaram um grupo de percussão chamado “Pagode do Marcos” – nome de um dos meninos, que também é regente da banda. Este grupo já se apresentou muitas vezes para as outras crianças e para visitantes do Centro, além de participações especiais no “Sábado Divertido” e em outros eventos externos aos quais vem sendo convidado. O desafio agora é introduzir, aos poucos, novos instrumentos e estimular a curiosidade das crianças para aprender a tocá-los, produzindo também outros tipos de música.

EXPRESSIONÃO CORPORAL

No espaço de expressão corporal, o destaque tem sido a dança contemporânea. Meninos e meninas constroem a coreografia junto com a professora. Elas também gostam de se apresentar em público, como a garotada do grupo de pagode, e fazem seus números com muita competência. São um dos grandes sucessos no “Sábado Divertido”, surpreenden-

do mães, pais e familiares que, ao brincarem de dançar, com uma coreografia simples, percebem como é difícil dançar como seus filhos, que se apresentam tão naturalmente e com tanto prazer. Os aplausos dos adultos demonstram inequívoco orgulho, além do natural afeto. Como as apresentações do grupo de pagode e dos grupos de dança também acontecem fora do CCCria, as crianças passam a conhecer novos lugares, aprendendo outros códigos e maneiras de se comportar em diferentes ambientes.

Quando são aplaudidas por pessoas que não fazem parte do seu mundo, mas reconhecem o seu talento e esforço, as crianças sentem-se validadas socialmente, o que aumenta positivamente sua autoestima. Tornando-se conhecidas como grupo, elas também são convidadas a assistir a apresentações de outros dançarinos. São novas experiências, que passam a enriquecer sua bagagem cultural, estimulando-as a desenvolver ainda mais seus talentos, abrindo perspectivas de um futuro diferente.

As atividades de expressão corporal acontecem em um amplo espaço coberto, precisamente aquele antigo espaço, anteriormente usado como depósito de sucata e detritos. A parceria entre o CEACA-VILA, o CECIP e o Instituto Dynamo tornou possível essa transformação extraordinária. O CCCria e a comunidade ganharam um lugar que veio preencher uma grande lacuna. Esse espaço ainda necessita de outros investimentos, para tornar realidade outro sonho: um palco para projeções cinematográficas e para apresentações musicais e teatrais.





11

FAZER, REGISTRAR, AVALIAR E, ASSIM, SABER PARA ONDE CAMINHAR

*“Sistematização é um processo coletivo que implica registro, organização e classificação das experiências, como subsídios para crítica e autocrítica, validando práticas, sensibilizando outros atores e concretizando aprendizagens. Deve ser processual, incorporar elementos do diagnóstico, planejamento, monitoramento e história de vida dos participantes, gerando empoderamento social e político do sujeito coletivo e dos indivíduos”.*³⁵

Para o CECIP, registrar, avaliar e sistematizar as ações realizadas faz parte do processo de aprendizagem e de mudança. O planejamento das ações, o estímulo ao registro constante das práticas do CCCria, por meio dos diários de bordo dos educadores, dos vídeos e das fotos de atividades, dos produtos desenvolvidos pelas crianças, conduz todos os envolvidos a melhor refletir sobre o que fazem. Nessa reflexão está incluída a avaliação, elemento indispensável para que se possa saber até que ponto estamos avançando na direção dos objetivos que queremos alcançar, anteriormente estabelecidos em nosso projeto.

Esse processo resulta em descobertas coletivas importantes que, sistematizadas, podem gerar novos conhecimentos e inspirar outras ações. Pensamos especialmente nas ações voltadas à garantia dos direitos das crianças, sobretudo das que vivem em comunidades até agora marcadas pela exclusão.

Metodologia de avaliação

A metodologia utilizada na avaliação deste projeto corresponde ao que chamam de **Ciclo PFCA**³⁶ – Planejar, Fazer, Checar, Agir – ado-

35. Documento da Oficina de Formação/Educação em Economia Solidária – Grupo D – Sistematização de Práticas Solidárias, Ministério do Trabalho e Emprego, Secretaria Nacional de Economia Solidária, 25 de outubro de 2005, mimeo.

36. Em Inglês, PDCA- Plan, Do, Check, Act, adopting corrective measures.

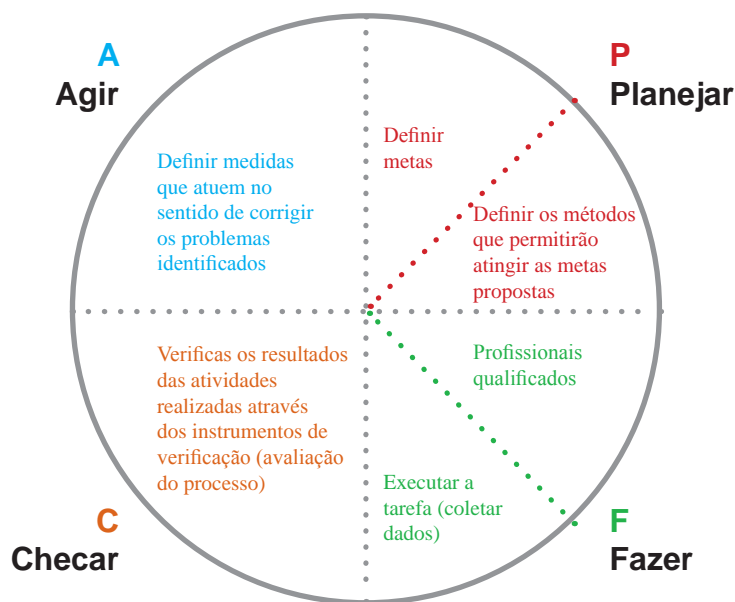
tando medidas corretivas à medida que o projeto se desenvolve. Trata-se de um método de avaliação gerencial, pautado na melhoria continuada. Ao adotá-lo, nosso objetivo é aferir a qualidade e eficácia das atividades desenvolvidas no Centro Cultural da Criança.

Esse sistema de monitoramento permitirá, ao longo do processo, identificar e captar dados qualitativos e quantitativos de cada atividade. Através da análise e interpretação desses dados, feitas em conjunto com a equipe de coordenação do CCCria e dos educadores culturais, se desenvolverá uma avaliação processual. Esta avaliação, que engloba todo o processo de evolução do projeto, possibi-

lita repensar as ações, promovendo, sempre que necessário, uma reestruturação do trabalho, para atingir efetivamente os objetivos estabelecidos para o projeto.

Uma das ações definidas no âmbito do PFCA é a criação de um conjunto de indicadores de desempenho. A identificação desses indicadores permite acompanhar e avaliar continuamente os trabalhos realizados, além de ser um importante instrumento de avaliação.

No quadro abaixo está representado o Ciclo de controle em quatro etapas: **Planejar**, **Fazer**, **Checar** o que foi feito e **Agir**, adotando medidas corretivas.



Sistema de monitoramento

Para que a avaliação seja eficaz, é necessário estabelecer um sistema de monitoramento. O Centro Cultural da Criança está sendo monitorado através das seguintes ações:

- Verificação das atividades desenvolvidas nas oficinas;
- Capacitação da equipe para implantação do Programa;
- Acompanhamento do fluxo de atendimento diário;
- Preenchimento da Ficha de Monitoramento;
- Observação das oficinas;
- Reuniões com a Coordenação e a Equipe do Projeto;
- Implantação do processo de verificação do nível de satisfação da criança e de seus familiares;
- Análise gráfica através do estudo estatístico dos dados obtidos no monitoramento;
- Realização do processo de avaliação e melhorias com a equipe profissional;
- Verificação do impacto gerado pelo projeto nas famílias atendidas.

Indicadores

Os indicadores utilizados para analisar a eficácia (“o que produz o efeito desejado”) e eficiência (“o que alcança resultados otimizando os recursos disponíveis”) das atividades desenvolvidas, de modo a melhorar a qualidade de vida da criança e de seus familiares, são:

- Número de atendimentos realizados e planejados;
- Número de atendimento nas oficinas;
- Perfil dos usuários;
- Resultados alcançados nas oficinas;
- Frequência das crianças no projeto;
- Participação das crianças no projeto;
- Nível de qualidade de vida da família (avaliação antes e depois);
- Participação efetiva das famílias.

Meios de verificação

Os instrumentos utilizados para verificação do processo são os seguintes:

- Ficha de Gerenciamento;
- Ficha de Frequência;
- Ficha das Atividades;
- Relatório de observação das oficinas;
- Gráfico demonstrativo dos dados quantitativos e qualitativos;
- Formulário de Satisfação da Criança;
- Material produzido pelas crianças do projeto;
- Vídeos, fotos e demais registros;
- Seminários.



12

ATÉ AQUI CHEGAMOS: APRENDIZAGENS, PERSPECTIVAS FUTURAS

... E ALGUMAS PERGUNTAS AINDA SEM RESPOSTA

“Devemos ser a mudança que queremos ver no mundo.”

Mahatma Gandhi

O processo de construção e início de funcionamento do CCCria nos mostra que o que parece uma utopia pode transformar-se em realidade, quando muitos se empenham em concretizar o sonho.

O *protagonismo* foi vivido em diferentes níveis, ao se colocar em prática, todos os dias, o reconhecimento de que as pessoas são autoras de suas próprias vidas e que são elas que estão no centro do processo de aprendizagem, de mudança e de transformação de suas realidades.

Pudemos testemunhar quão grande e efetiva é a força de uma comunidade que tem consciência do seu poder de mudar e consegue construir alianças e parcerias capazes de transformar a realidade em que vivem.

Essas alianças e parcerias têm poder transformador porque são baseadas na autonomia dos participantes. Como diz Andrea Vogt: *“Uma organização dependente fica bloqueada em relações verticais, onde sua liberdade de determinar a própria direção estratégica é constrangida. Já uma organização autôno-*

*ma, é capaz de manter relações horizontais com outros atores”.*³⁷

O CEACA-VILA, uma organização autônoma da comunidade do Morro dos Macacos, aliou-se ao CECIP para realizar o sonho compartilhado de criar um espaço protegido para as suas crianças. O CECIP, por sua vez, contribuiu com sua experiência, além da aliança anteriormente estabelecida com a Fundação Bernard van Leer, igualmente baseada na confiança, no respeito mútuo e na autonomia.

A aliança CEACA-CECIP-Fundação Bernard van Leer vai atingindo os objetivos a que se propôs, na medida em que “transforma a comunidade onde atua, faz conexões corretas entre empoderamento individual e comunitário, e ajuda a alavancar mudanças nos sistemas e estruturas que reforçam a exclusão” (Vogt, 2007)

A existência do CCCria introduz um “monumento popular” (Souza, op.cit.) na paisagem do Morro dos Macacos e induz mudanças positivas em suas dinâmicas, pela força do significado simbólico de que se reveste: é uma reconhecida bandeira de dignidade e paz para as novas gerações.

Houve mudanças profundas nos modelos que orientavam inconscientemente os educadores culturais que atuam junto às crianças, mudanças que ocorreram em tempo relativamente curto. Os educadores aprenderam a reconhecer o potencial da criança e a levar em consideração o que ela realmente

pode realizar, sem riscos de superproteção. Seu papel, como educadores, é proporcionar condições que facilitem a ação *protagonista* da criança, isto é, criar um ambiente propício para o pleno desenvolvimento de capacidades e habilidades que essa criança possui.

Estamos convencidos de que é fundamental, ao selecionar educadores, que se leve em consideração seu pertencimento e sua identificação com a comunidade. Outro fator importante é sua abertura, isto é, sua capacidade de aprender coisas novas: por exemplo, compreender que crianças também são capazes de produzir cultura e por isso têm todo o direito de expressá-la, no seu grupo, na sua família, na sua escola e na sociedade.

Outra lição que a prática nos trouxe foi quão importante é a capacitação e o acompanhamento em serviço. Profissionais que se sentem ouvidos e valorizados pelos colegas que os apóiam, desenvolvendo uma relação de confiança com eles e com o grupo, sentem-se seguros para experimentar novas formas de agir.

E AMANHÃ?

Entre os próximos passos que começam a ser dados está o estabelecimento do diálogo entre o CCCria e outras instituições de educação infantil e as escolas públicas do entorno da comunidade.

A aproximação com o poder público, em especial com as Secretarias Estadual e Mu-

nicipal de Educação e com a Secretaria Municipal de Cultura, é estratégica, para que a experiência do CCCria possa inspirar políticas públicas articuladas na área da Educação Infantil.

É essencial fortalecer a sustentabilidade do projeto. A comunidade fará seu papel e saberá articular-se com o poder público, para que assuma plenamente o funcionamento do CCCria, como modelo inspirador de outras iniciativas, quando o apoio inicial do CECIP e da Fundação Bernard van Leer tiverem chegado ao seu término.

... E UMA PERGUNTA SEM RESPOSTA

Não sabemos se o CCCria, articulado a outras organizações do Morro dos Macacos, que se dedicam a garantir o direito das crianças e jovens à educação, saúde, lazer, esportes, convivência familiar e comunitária, conseguirá produzir, a médio prazo, um impacto que resulte na diminuição sensível da violência na comunidade.

O que se vê, ao entrar no CCCria, é a alegria das crianças que estão vivendo momentos mágicos, descobrindo tantas coisas novas, sentindo-se respeitadas e queridas. Os adultos falam do que está acontecendo com palavras que revelam um misto de gratidão, alumbramento e emocionado entusiasmo. Percebe-se que existe um sentimento, tanto da equipe quanto das crianças e dos familia-



res, de pertencimento, de valorização de algo que consideram realmente como seu.

Sabemos que se combate a violência pela inclusão, pela universalização dos direitos, pela não estigmatização de pessoas, por quaisquer motivos que sejam. A luta da comunidade do Morro dos Macacos, para assegurar uma vida digna para suas crianças, pode contar, desde já, com o apoio de aliados que reconhecem sua comprovada capacidade de realização.

Uma das mais importantes tarefas que todos temos é divulgar os passos que vêm sendo dados, de modo a sensibilizar as autoridades e a opinião pública para um projeto que pode servir de modelo a ações semelhantes, em outras comunidades.



13

AGORA É A SUA VEZ: QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO

*“Você pode dizer que sou um sonhador,
mas não sou o único.*

*Talvez um dia você se junte a nós
E o mundo será unido”.*³⁸

John Lennon

Quando lemos num jornal, ouvimos pelo rádio ou vemos na televisão tanta notícia sobre violência, nosso primeiro impulso é reagir ao que nos parece uma banalização que, de tanto ser repetida, acaba por insensibilizar as pessoas. Queremos fazer alguma coisa para mudar essa realidade. Todos possuímos essa vontade de provar que é possível criar um mundo mais justo para todos, um mundo de fraternidade e de respeito pelos direitos de cada um.

A comunidade do Morro dos Macacos, com o CCCria e outras iniciativas, está provando que isso é possível. Sim, nós podemos transformar essa realidade. E você, que nos acompanhou até aqui, também pode participar desse movimento. Ele está apenas começando, ele precisa de todos.

O que descrevemos aqui pode ser visto, pode ser verificado, comprovado. Você pode discutir essas ideias com pessoas próximas, amigos, colegas de trabalho, pessoas com

38. Trecho da canção “Imagine”, de John Lennon, 1969.

quem você tem algo em comum – pode ser a mesma crença religiosa, o fato de morar no mesmo bairro, frequentar os mesmos lugares ou ter amigos comuns. Você verá que você pode fazer a diferença, que sua contribuição é única, porque só você pode decidir que vai participar. É só começar, começar por onde for possível, por onde for mais fácil, onde você se sentir mais à vontade. Uma ação, por menor que pareça, já provoca uma mudança. Você não tem ideia do que essa pequena mudança poderá significar para outras pessoas que, como você, também querem que este país seja mais justo e feliz para todos.

Você já é protagonista de uma história – a história de sua vida. Pode contribuir para que a garantia dos direitos de todas as crianças em nossa sociedade – as suas e as demais – seja uma realidade concreta, uma realidade que se renove a cada dia.

O Centro Cultural da Criança, no Morro dos Macacos, é um começo. Um começo promissor, um anúncio de novos tempos, de uma nova realidade. Isso é possível, se todos quisermos que ela aconteça. Vamos nessa?

Raios X do Centro Cultural da Criança

Localização	Comunidade do Morro dos Macacos, Vila Isabel, bairro da Zona Norte do Rio. O CCCria ocupa o andar superior da Creche Patinho Feliz e tem acesso independente.
Missão	Oferecer um espaço protegido para crianças de dois a dez anos, onde elas possam brincar e aprender, como protagonistas e cidadãos, em horários complementares aos da instituição de educação infantil ou da escola.
Recursos oferecidos	Brinquedoteca, biblioteca, atividades de dança e teatro, salas de artes, de vídeo, de música e de informática, sempre com a assistência de educadores culturais.
Nº de vagas oferecidas e crianças atendidas por dia	200 vagas, das quais 180 para as crianças inscritas regularmente e 20 para visitantes eventuais.
Nº de profissionais	14: Uma coordenadora, dez educadores culturais, dois assistentes gerais e uma secretária administrativa.
Apoio técnico	Três profissionais da equipe de Educação Infantil do CECIP.
Horário de funcionamento	Das 8 horas às 12 horas e das 13 horas às 17 horas, de segunda a sexta-feira.
Reunião com as famílias	“Sábado divertido” a cada dois meses, das 8 horas às 12 horas.
Iniciativa	CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular, em parceria com a Fundação Bernard van Leer e com o Centro de Ação Comunitária e Assistencial Lídia dos Santos – CEACA-VILA.
Parcerias	Portal Planeta Educação/Futurekids; Instituto Dynamo; Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; Fundação Lygia Bojunga; Brinquedoteca Hapi; Fundação Roberto Marinho/Canal Futura; Rede Brasil. Contribuição voluntária do arquiteto Claudius Ceccon e dos engenheiros José Carlos Filizola e Carlos Fragelli.
Responsabilidade pelos custos	Fundação Bernard van Leer, CECIP, CEACA, Futurekids/Planeta Educação.



Coordenação geral e projeto gráfico

Claudius Ceccon

Coordenação do projeto

Jovelina Protasio Ceccon

Coordenação editorial e edição dos textos originais

Madza Ednir

Textos

Jovelina Protasio Ceccon

Maria Lucia M. P. Lara

Monica Maria R. Mumme

Patrícia Fonseca de Oliveira

Vivian Esther M. de Andrade

Colaboração

Elisete Baruel e Antonieta S. Prado

– Planeta Educação / Futurekids

Fotos

Claudia Ceccon e Jon Spaul

Assessoria

Dinah Frotté

Claudia Ceccon

Noni Ostrower

Revisão

Carla Protasio

Design gráfico

Silvia Fittipaldi – Magic Art

Agradecimentos

Agradecemos a participação das crianças, educadoras e familiares que, com seus depoimentos, ilustrações e fotos, dão vida a este trabalho.

imprensaoficial

Assistência editorial

Berenice Abramo

Assistência à editoração

Marilena Camargo Villavoy

Revisão

Wilson Ryoji Imoto

APOIO

Bernard van Leer  *Foundation*

CENTRO CULTURAL DA CRIANÇA – O CASTELO DAS CRIANÇAS CIDADÃS

O Centro Cultural da Criança foi implantado pelo CECIP, em parceria com o CEACA-VILA, no âmbito do Projeto BRA-2005-035, Espaço Protegido, com o apoio da Fundação Bernard van Leer.

A Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em parceria com o terceiro setor, criou o selo Imprensa Social, com o objetivo de ampliar o acesso à informação de interesse público.

Outra expectativa é dar oportunidade para que o trabalho das ONGs seja divulgado e valorizado como referência para outras instituições e mesmo como subsídio para a definição de políticas públicas.

As publicações abrangem as áreas de educação, cultura, saúde, meio ambiente, comportamento, direitos humanos, entre outras iniciativas de cunho social.

| 2009

Coleção Consumo Sustentável e Ação – 6 vols. Consumo Sustentável (manual de atividades para o professor),

Metal, Orgânico, Papel, Plástico e Vidro
Mônica Pilz Borba e Patricia Otero

*5 Elementos - Instituto de Educação e Pesquisa Ambiental /
Instituto HSBC Solidariedade / Imprensa Oficial / SP*

| 2008

Psique & Negritude

Os efeitos psicossociais do racismo

Maria Lúcia da Silva, Jussara Dias e Fernanda Pompeu
Instituto AMMA Psique e Negritude/ Imprensa Oficial/SP

| 2007

A Escola Sustentável 2ª edição Ecoalfabetizando pelo ambiente

Lucia Legan

*Ecocentro IPEC – Instituto de Permacultura e
Ecovilas do Cerrado/ Imprensa Oficial/SP*

Cenpec

Uma história e suas histórias

Maria do Carmo Brant de Carvalho

*Cenpec – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária / Imprensa Oficial/SP*

Essa Turma Ninguém Passa para Trás Guia do consumidor para crianças e adolescentes

Vários autores

*Criança Segura Brasil/ Fundação Abrinq / IDEC –
Parceiro do Consumidor / Imprensa Oficial/SP*

Eu sou Atlântica

Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento

Alex Ratts

*Instituto Kuanza – Formação, intervenção e pesquisa em
educação, raça, gênero e juventude / Imprensa Oficial/SP*

Influir em Políticas Públicas e Provocar Mudanças Sociais Experiências a partir da sociedade civil brasileira

Elie Ghanem

Ashoka – Empreendedores(as) Sociais / Fundação Avina / Imprensa Oficial/SP

O Caminho das Matriarcas

Maria do Rosário Carvalho Santos

Geledés – Instituto da Mulher Negra / Imprensa Oficial/SP

| 2006

Álbum de Histórias

Araçuaí – de U.T.I educacional a cidade educativa

Tião Rocha

CPCD – Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento / Imprensa Oficial/SP

Brincar para Todos

Mara O. Campos Sialy

Laramara – Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual / Imprensa Oficial/SP

História Falada

Memória, rede e mudança social

Vários autores

SESCSP – Serviço Social do Comércio / Museu da Pessoa / Imprensa Oficial/SP

Orientação para Educação Ambiental

Nas bacias hidrográficas do Estado de São Paulo

Cyntia Helena Ravena Pinheiro, Mônica Pilz Borba
e Patrícia Bastos Godoy Otero

5 Elementos – Instituto de Educação e Pesquisa Ambiental / Imprensa Oficial/SP

Vozes da Democracia

Vários autores

Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social / Imprensa Oficial/SP

Violência na Escola

Um guia para pais e professores

Caren Ruotti, Renato Alves e Viviane de Oliveira Cubas

Andhep – Associação Nacional de Direitos Humanos, Pesquisa e

Pós-graduação/ Imprensa Oficial/SP

| 2005

Alianças e Parcerias

Mapeamento das publicações brasileiras sobre alianças e parcerias entre organizações da sociedade civil e empresas

Aliança Capoava (Ashoka, Avina, Ethos e Gife) / Imprensa Oficial/SP

Educação Inclusiva:

O que o professor tem a ver com isso?

Marta Gil

Ashoka – Empreendedores (as) Sociais / Imprensa Oficial/SP

Gogó de Emas

A participação das mulheres na história do Estado de Alagoas

Schuma Schumacher

REDEH – Rede de Desenvolvimento Humano / Imprensa Oficial/SP

Kootira Ya Me’ne Buehina

Wa’ikina Khiti Kootiria Yame’ne

Vários organizadores

FOIRN – Fundação das Organizações Indígenas do Rio Negro / ISA –

Instituto Socioambiental / Imprensa Oficial/SP

Vivências Caipiras

Pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista

Maria Alice Setúbal

Cenpec – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária /

Imprensa Oficial/SP

| 2004

Aprendendo português nas escolas do Xingu Parque indígena do Xingu, Terra indígena Panará e Terra indígena Capoto-Jarina

Livro inicial

Vários autores

ATIX – Associação Terra Indígena Xingu / ISA - Instituto Socioambiental / Imprensa Oficial/SP

A Violência Silenciosa do Incesto

Gabriella Ferrarese Barbosa e Graça Pizá

Clipsi – Clínica Psicanalítica da Violência / Imprensa Oficial/SP

A Escola Sustentável 1ª edição

Ecoalfabetizando pelo ambiente

Lucia Legan

Ecocentro IPEC – Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado/ Imprensa Oficial/SP

Em Questão 2

Políticas e práticas de leitura no Brasil

Vários organizadores

Observatório da Educação / Ação Educativa / Imprensa Oficial/SP

Espelho Infiel

O negro no jornalismo brasileiro

Flávio Carranca e Rosane da Silva Borges

Geledês – Instituto da Mulher Negra / Imprensa Oficial/SP

Jovens Lideranças Comunitárias e Direitos Humanos

CDH – Centro de Direitos Humanos / Conectas – Conectas Direitos Humanos / Imprensa Oficial/SP

Pela Lente do Amor

Fotografias e desenhos de mães e filhos

Carlos Signorini

Associação Lua Nova / Imprensa Oficial/SP

Saúde, Nutrição e Cultura no Xingu

Vários autores

ATIX – Associação Terra Indígena Xingu / ISA - Instituto Socioambiental / Imprensa Oficial/SP

Formato	210 x 210 mm
Tipologia	Times New Roman
Papel miolo	Offset 90g/m ²
Papel capa	Cartão triplex 250g/m ²
Número de páginas	88

ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br